

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**MULHERES NA BATALHA: PERFORMANCES DE  
GÊNERO EM BARES COM PROSTITUIÇÃO EM  
SANTA MARIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Carolina Appel Colvero**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2010**

**MULHERES NA BATALHA: PERFORMANCES DE  
GÊNERO EM BARES COM PROSTITUIÇÃO EM  
SANTA MARIA**

**Por**

**Carolina Appel Colvero**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de concentração em Corpo e Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Ciências Sociais**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Cristina Vieira Perurena**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2010**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a  
Dissertação de Mestrado

**MULHERES NA BATALHA: PERFORMANCES DE  
GÊNERO EM BARES COM PROSTITUIÇÃO EM SANTA  
MARIA**

elaborada por  
**Carolina Appel Colvero**

Como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Mestre em Ciências Sociais**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Professora Dra. Fátima Cristina Vieira Perurena (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)**

**Professora Dra. Zulmira Newlands Borges (UFSM)**

**Professora Dra. Mari Cleise Sandalowski (UFSM)**

Santa Maria, 22 de janeiro de 2010.

## **AGRADECIMENTOS:**

À Lisa, à Ana, à Paula, à Margareth, à Carla, à Francieli, à Lucimara, à Cristiane, à Fátima, à Cristina, à Elizabeth, à Roselaine, à Norma, à Neuza, que me abriram suas vidas para eu buscar entender questões pessoais para as quais dei destino acadêmico e intelectual. Seus saberes me enriqueceram...

Aos meus afetos, aos amores que estão inscritos na minha alma. Àqueles com quem me encontrei nesta caminhada e que instigaram em mim os desejos, a vontade de vida...

*Porque depois que cansei de procurar aprendi a encontrar, depois que um vento me opôs resistência, velejo com todos os ventos...*

## EPÍGRAFE:

Balada do Mangue  
Vinícius de Moraes

Pobres flores gonocócicas / Que à noite despetalais  
As vossas pétalas tóxicas! / Pobre de vós, pensas, murchas  
Orquídeas do despudor / Não sois Loelia tenebrosa  
Nem sois Vanda tricolor: / Sois frágeis, desmilingüidas  
Dálias cortadas ao pé / Corolas descoloridas  
Enclausuradas sem fé. / Ah, jovens putas das tardes  
O que vos aconteceu / Para assim envenenardes  
O pólen que Deus vos deu? / No entanto crispais sorrisos  
Em vossas jaulas acesas /Mostrando o rubro das presas  
Falando coisas do amor /E às vezes cantais uivando  
Como cadelas à lua / Que em vossa rua sem nome  
rola perdida no céu... / Mas que brilho mau de estrela  
Em vossos olhos lilases / Percebo quando, falazes  
Fazeis rapazes entrar! / Sinto então nos vossos sexos  
Formarem-se imediatos /Os venenos putrefatos  
Com que os envenenar / Ó misericordiosas!  
Glabra, glúteas cafetinas / Embebidas em jasmim  
Jogando cantos felizes / Em perspectivas sem fim  
Cantais, maternais hienas / Canções de cafetinizar  
Gordas polacas serenas / Sempre prestes a chorar.  
Como sofreis, que silêncio / Não deve gritar em vós  
Esse imenso, atroz silêncio / Dos santos e dos heróis!  
E o contraponto de vozes / Com que ampliais o mistério  
Como é semelhante às luzes / Votivas de um cemitério  
Esculpido de memórias! / Pobres, trágicas mulheres  
Multidimensionais / Ponto morto de choferes  
Passadiço de navais! / Louras mulatas francesas  
Vestidas de carnaval: / Viveis a festa das flores  
Pelo convés dessas ruas / Ancoradas no canal?  
Para onde irão vossos cantos / Para onde irá vossa nau?  
Por que vos deixais imóveis / Alérgicas sensitivas  
Nos jardins desse hospital / Etílico e heliotrópico?  
Por que não vos trucidais /Ó inimigas? ou bem  
Não ateais fogo às vestes / E vos lançais como tochas  
Contra esses homens de nada / Nessa terra de ninguém!

## **RESUMO**

**Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Universidade Federal de Santa Maria**

### **MULHERES NA BATALHA: PERFORMANCES DE GÊNERO EM BARES COM PROSTITUIÇÃO EM SANTA MARIA**

**AUTORA: CAROLINA APPEL COLVERO**

**ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>FÁTIMA CRISTINA VIEIRA PERURENA**

**Local e data da defesa: Santa Maria, 22 de janeiro de 2010.**

Este estudo versa sobre as construções de gênero elaboradas por mulheres que exercem a prostituição em bares do município de Santa Maria. A partir das técnicas de observação participante e da aplicação de entrevistas semi-estruturadas obtive dados objetivos que permitiram caracterizar essas mulheres, bem como informações sobre aspectos mais subjetivos de suas vidas. Estabeleci diálogo entre a realidade da prostituição com algumas teorias feministas, fazendo uso, ainda, de reflexões sobre outros universos de prostituição a fim de considerar as peculiaridades inerentes ao universo específico dessa pesquisa.

Palavras-chave: prostituição; relações de gênero; identidade de gênero; patriarcado.

## **ABSTRACT:**

This study deals with the construction of gender produced by women working as prostitutes in bars in the city of Santa Maria. Based on participant observation and application of semi-structured interviews obtained data that will allow to characterize these women as well as information about more subjective aspects of their lives. I established dialogue between the reality of prostitution with some feminist theories, making use also of other universes reflections on prostitution in order to consider the peculiarities inherent to the specific universe of this research.

Keywords: Prostitution; gender relations; gender identity; patriarchy.

**LISTA DE APÊNDICES:**

**APÊNDICE A – Entrevista semi-estruturada.....73**

**APÊNDICE B – Mapa do território.....74**



## SUMÁRIO:

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1) O CENÁRIO DA PROSTITUIÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1) Descrevendo o ambiente (parte I) - as prostitutas no território.....	13
1.2) Descrevendo o ambiente (parte II) - o território das prostitutas.....	16
1.3) Imergindo em campo: contatos iniciais.....	23
<b>CAPÍTULO 2) PROSTITUIÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO.....</b>	<b>26</b>
2.1) A prostituição para as diferentes linhas do pensamento feminista.....	26
2.2) Corporalidades.....	30
2.3) Relações de gênero e negociações de poder .....	34
<b>CAPÍTULO 3) CAIR NESSA VIDA: A ESCOLHA PELA PROSTITUIÇÃO.....</b>	<b>42</b>
3.1) A prostituição como uma profissão.....	42
3.2) Da necessidade para a escolha.....	48
<b>CAPÍTULO 4) CONSTRUÇÕES DE GÊNERO.....</b>	<b>52</b>
4.1) Performances generificadas e poder nômade.....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado consiste em um estudo desenvolvido junto a algumas prostitutas<sup>1</sup> do município de Santa Maria<sup>2</sup> a fim de refletir sobre como se dá a construção de gênero entre as prostitutas.

Entendo por prostituição uma atividade de troca de relações sexuais (em princípio, pois, eventualmente, pode ser somente companhia) por algum bem material que, no geral, é dinheiro. Trato, neste estudo, de prostituição exercida por mulheres em que os clientes são homens.

Meu objetivo é pensar acerca do uso do corpo por parte destas mulheres para fins econômicos e o quanto isto é consonante ou dissonante das representações ideológicas que se tem sobre as mulheres e seus papéis. Essas representações ideológicas estão nas discussões de algumas das diferentes teorias feministas que serão apresentadas no decorrer do trabalho. A forma como estas mulheres constroem relações de gênero as predispõe para a prostituição ou a prostituição colabora para a construção de gênero dessas mulheres?

Esta é uma questão que emergiu durante as observações em campo e permeia este trabalho, não necessariamente com o objetivo de respondê-la, mas de apresentar elementos das falas das entrevistadas e do que observei em campo, no sentido de pensar sobre as construções de gênero neste contexto.

A relevância deste estudo consiste em confrontar as observações decorrentes do trabalho de campo com as percepções de outros pesquisadores que o fizeram em outros ambientes, submetendo-as às teorias de gênero.

---

<sup>1</sup> Utilizo o termo *prostitutas* a fim de identificar o tipo de comércio sexual que se dá neste universo pesquisado. É importante identificar, como bem lembra Agustín (APUD Piscitelli, 2005) que há uma indústria sexual bastante diversa (bordéis, boates, bares, discos, saunas, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual através da Internet, casas de massagem, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, hotéis, motéis, cinemas e revistas pornôis, filmes e vídeos, serviços de dominação e submissão/sado-masochismo, prostituição na rua, entre outros). A autora faz esta definição a fim de afirmar que nem tudo é prostituição e é justamente este o motivo que me leva a usar o termo, por reconhecer o meu universo pesquisado como de prostitutas, que é como as próprias mulheres que pertencem àquele ambiente descrevem-se. Mesmo que elas não se intitulem assim em todas as situações, elas o fazem eventualmente e identificam-se assim para mim. Por este motivo opto pelo termo, que também parece de fácil entendimento ao leitor e poupa os eufemismos, que ao meu ver, seriam preconceituosos.

<sup>2</sup> Município situado na região central do estado do Rio Grande do Sul, também chamado coração do Rio Grande devido a sua localização. Formado em 1797 a partir de acampamentos de uma comissão demarcadora de limites de terras de domínio espanhol e português que estavam de passagem pela região. Com uma população de 268.969 habitantes (conforme dados atualizados do IBGE/2009), sua economia revela ampla importância do setor terciário, onde o comércio e os serviços públicos são, em grande parte, provenientes da Universidade Federal de Santa Maria e do número expressivo de quartéis do exército.

Desenvolvi esta pesquisa junto a seis bares de prostituição do município de Santa Maria. Tais bares foram escolhidos por apresentarem, aparentemente, características em comum, tanto no que tange ao horário de funcionamento e localização próxima entre eles, como quanto ao perfil da clientela, perfil das prostitutas que ali trabalham e perfil do bar em si – aspectos físicos, estilo da decoração, das músicas e da forma como se dá o programa.

Exponho algumas percepções referentes ao trabalho de campo que foi realizado durante dez meses e as reflexões teóricas sobre as quatorze entrevistas semi-estruturadas realizadas com as prostitutas após os seis primeiros meses de observação participante.

Levando em consideração que as atitudes e as posturas do ser feminino são compreendidas mediante a análise da sociedade da qual se fala, faço referência ao fato de que vivemos num sistema de relações de gênero desiguais. Há padrões históricos sobre a sexualidade feminina delineadores das atitudes das mulheres prostitutas, ilustrando uma invisibilidade do ser feminino na medida em que é incompatível ser mulher e ser prostituta.

Por um lado, as teorias possibilitam analisar a prostituição a partir de um viés que interpreta as prostitutas como seres que fomentam as desigualdades de gênero porque são objetificadas. Meu campo de pesquisa, por vezes, se ajustou às idéias de subalternidade da mulher.

No contraponto, outras linhas teóricas concebem a existência da figura da prostituta como inerente à libertação do feminino do domínio masculino. As entrevistadas mostram-se à vontade com sua profissão em diversos momentos durante as observações em campo. De forma muito recorrente, elas demonstram encarar a atividade com naturalidade, o que leva a desmistificá-la e entendê-la, sim, como uma profissão que não carrega um diferencial tão denso de outras simplesmente pelo fato de ter o sexo como instrumento de trabalho (ao menos em princípio).

Desse modo, os sujeitos desta pesquisa assumem um caráter polissêmico, seus saberes assumem conotações distintas compondo uma teia de significados. Chamo a atenção para os diferentes papéis exercidos pelas mulheres pesquisadas conforme o contexto no qual estão colocadas. Dentro dessa proposta focalizo, especialmente, os diferentes papéis de gênero desempenhados pelas prostitutas na sua atividade profissional, na sua vida afetiva e privada e como esses papéis se comunicam e se interpõem.

Para tanto, abordo questões relativas às práticas corporais dessas mulheres no âmbito profissional e nas suas vivências fora deste ambiente. O modo como elas vêem suas práticas corporais remete a pensar sobre como as mulheres encaram ou podem encarar as suas sexualidades conforme sua condição de ser feminino.

Divido esta dissertação em quatro capítulos, no primeiro descrevo o cenário da prostituição neste contexto que elegi para desenvolver a pesquisa. Neste momento faço uma descrição do local onde ocorre a prostituição feminina da qual me refiro, apontando as características que considero contundentes e dignas de uma análise mais apurada. Falar sobre o contexto específico se faz necessário na medida em que possibilita destacar as peculiaridades do campo a partir da caracterização do lugar, do modo como se dá a prostituição no local, destacando questões como forma de funcionamento do bar, modo como acontece o programa e códigos internos de comunicação.

Faço ainda, neste primeiro momento, um relato sobre como cheguei até estas mulheres como forma de justificar meu interesse acadêmico pela temática e situar minha inserção no campo.

Num segundo capítulo desenvolvo uma reflexão sobre as relações de poder implicadas na atividade da prostituição de mulheres. Para tanto considero as relações de gênero e conseqüentes desigualdades entre práticas de sexualidades permitidas para homens e para mulheres.

Destaco as concepções teóricas sobre o corpo, na medida em que seu uso é constantemente presente e fundamental no exercício da prostituição, e dado que é neste que se materializa a atividade profissional da qual trato neste estudo. Problematizar este uso do corpo relacionando com as diferenças de gênero é, portanto, crucial para abordar a forma como as mulheres prostitutas encaram sua atividade.

Posto isso, no terceiro capítulo, passo a abordar a atividade como uma profissão em consonância com as observações em campo bem como com diversas falas das mulheres entrevistadas.

Priorizo a compreensão, neste momento, da visão que as entrevistadas compartilham em relação a referida atividade ser profissional, embora não seja uma atividade legalizada e apesar de não haver, no município, mobilização de mulheres.

Elas referem-se às idas até os bares para se prostituir como *ir tirar um dinheiro* ou, de modo muito recorrente, *ir para a batalha*. Essa conotação financeira que perpassa boa parte das falas das entrevistadas traduz esta experiência como um trabalho.

No quarto capítulo retomo a discussão sobre poder introduzida no segundo capítulo, para alicerçar a reflexão das construções de gênero neste contexto de prostituição e como isso desencadeia a produção de empoderamento da parte subalterna no patriarcado, ou seja, o feminino.

A categoria *patriarcado* será utilizada durante todo o estudo, em referência ao momento histórico de sujeição da mulher e como a modalidade de relações de gênero vigente na sociedade ocidental. No entanto, o conceito referido não implica numa estrutura fixa, pelo contrário, este estudo versa sobre a flexibilidade dos sujeitos produzindo suas pluralidades e, porque não, contradições.

## O CENÁRIO DA PROSTITUIÇÃO

### Descrevendo o ambiente (parte I) - as prostitutas no território

Faço este estudo no município de Santa Maria, no interior do estado do Rio Grande do Sul. As pesquisas conhecidas sobre a temática normalmente abordam o fenômeno da prostituição em cidades maiores, no geral capitais de estados. Em levantamento feito para a realização deste trabalho não encontrei nenhum que abordasse a prostituição de mulheres nesta cidade<sup>3</sup>.

Os seis bares de prostituição nos quais a pesquisa foi desenvolvida são muito próximos uns dos outros e localizam-se em região entre o centro e a zona norte. São quatro deles na mesma quadra de uma avenida, outro a uma quadra destes primeiros, localizado em uma rua perpendicular e o sexto em outra rua também perpendicular à avenida. As mulheres que ali fazem programa costumam ficar no interior do bar ou então transitando pela calçada em frente.

As quatorze entrevistadas da minha pesquisa têm entre 20 e 51 anos e não correspondem ao número total de mulheres que fazem programas nos bares visitados. Considerei a amostra suficiente porque as respostas às perguntas passaram a ser freqüentes com as diferentes entrevistadas. Utilizei, portanto, o critério de saturação nesta etapa de entrevistas que iniciei a partir do 6º mês de visitas e observações.

Quanto aos estereótipos dessas mulheres, é possível dizer que elas destoam das imagens pré-construídas no imaginário social. Ao invés de roupas extravagantes e maquiagem pesada, as mulheres aqui analisadas vestem-se com roupas comuns, sem exagero algum tanto na maquiagem quanto na insinuação que a roupa poderia sugerir. Eventualmente elas apareciam com decotes mais acentuados, saias curtas ou muito maquiadas, mas esta não era sua postura habitual. Na realidade, a aparência física e a forma como estas mulheres se arrumam não as distingue das mulheres não prostitutas que também transitam por aquele espaço. Esta pluralidade dos tipos físicos e estilos

---

<sup>3</sup> Saliento a existência do trabalho de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais realizado no ano de 2003 escrito por Fernanda Zanini que versa sobre a prostituição de travestis em ruas do município. Orientado por Zulmira Newlands Borges, a monografia *Dinheiro na Mão Calcinha no Chão: um estudo antropológico sobre a Prostituição em Santa Maria* faz referência a um universo de prostituição diferente deste, dado a heterogeneidade citada no decorrer do estudo.

denota a não existência de estereótipos e leva a supor a existência de outros marcadores que identificam as prostitutas.

Um marcador pode ser justamente a permanência dessas mulheres no lugar onde fiz o estudo. A categoria de “região moral” é oportuna para se pensar nos locais onde ocorre o tipo de prostituição analisado na presente pesquisa. Segundo Perlongher:

A noção de “região moral” repousa numa concepção que divide o espaço urbano em círculos concêntricos: uma faixa residencial, outra industrial e o centro – que serve ao mesmo tempo como ponto de concentração administrativa e comercial, e como lugar de reunião das populações ambulantes que “soltam”, ali, seus impulsos reprimidos pela civilização.(Park, 1973, p. 65 apud Perlongher, 1987, p.69).

Distinguir o “mundo das prostitutas” das “mulheres da sociedade” corresponde à distinção entre o público e o privado, à regulação das trocas subjetivas entre os grupos e da circulação entre eles. (CARVALHO, 2000). Os sujeitos vivem num acordo, mesmo que tácito, que prevê os lugares nos quais podem transitar. Os próprios indivíduos desviantes têm espaços permitidos ou não. (GOFFMAN, 1987)

As prostitutas parecem “autorizadas” para a ocupação deste espaço, na medida em que são pessoas estigmatizadas num ambiente de status decadente<sup>4</sup>. Embora o local da pesquisa situe-se na região central da cidade, corresponde a uma parte mais afastada do centro comercial e administrativo. Esta região já representou a principal atividade econômica do município pois ligava o centro e a estação da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, atualmente desativada. O movimento de ferroviários e de trabalhadores indiretos ligados à estação ferroviária fazia deste local possuidor de certo status na cidade.

Hoje esta é uma região de fronteira entre o centro e a antiga gare, bem como constitui-se num limite do centro com a zona norte do município. É, portanto, uma região de “trânsito”, em que se dá um fluxo de pessoas que estão indo ou voltando do trabalho, de suas atividades rotineiras, e que vem da região norte para acessar o centro ou vice-versa. Os transeuntes passam em frente aos bares de prostituição que são próximos uns dos outros, sendo que quatro deles têm acesso direto para a calçada, de onde pode se enxergar facilmente a movimentação no interior do bar.

---

<sup>4</sup> Para Goffman (1988), o estigma é uma característica depreciativa do status moral do indivíduo que a apresenta, inabilitando-o para a plena aceitação social. A sociedade produz mecanismos de categorização de pessoas e define atributos considerados normais para cada membro de cada categoria. (Britto, 2008 )

O controle dos corpos perpassa o controle dos espaços físico, subjetivo e institucional (CASTRO, 1993; RAGO, 1996). Tal perspectiva está atrelada à idéia de pensar os tipos de espaços em que se dá a prostituição. A atividade aqui referida corresponde a um espaço de fluxo, de movimento, ou seja, um lugar onde, possivelmente, são permitidas algumas transgressões em relação às atividades rotineiras. Seriam os instantes em que mais coisas são possíveis e liberadas do que habitualmente e talvez, o enquadramento da oferta de serviços de prostitutas seja coerente para tais locais.

A oferta de serviços ocorre de modo que permite pensar sobre os marcadores de diferença entre as prostitutas e os outros. Na medida em que os homens chegam ou passam nos bares de prostituição, as mulheres que fazem programa pedem para que paguem bebidas ou sentam-se próximas a eles. A bebida mais comum naquele ambiente é a cerveja. Na realidade, na grande maioria das minhas visitas vi homens e mulheres bebendo cerveja ou, em alguns casos, refrigerante. Oferecer uma bebida é um código compreendido por todos os personagens da trama, mesmo quando elas não bebem – o que raramente acontece – aceitam a bebida porque simboliza estar junto ao cliente enquanto *ele* bebe, significa, portanto, que a mulher está disponível para fazer um programa.

A interação entre os atores envolvidos produz sinais que identificam as prostitutas, por exemplo, a minha presença nos bares, por si só, não denota que eu sou uma prostituta. Embora eu seja uma mulher e esteja junto às outras mulheres, foram raríssimas as abordagens de clientes para mim e, nessas poucas vezes em que ocorreu, as próprias prostitutas já solicitavam que eles parassem porque eu não estava ali para fazer programas. Em nenhum desses casos eu tive necessidade de me manifestar explicando que meu objetivo ali era a realização de uma pesquisa porque as mulheres o faziam por mim.

A um simples “oi” que me foi dirigido por um cliente do bar, Carla, disse: “cai fora que ela tá aqui pra fazer uma pesquisa”. Resposta que foi suficiente para que o homem virasse as costas e passasse a ignorar minha presença ali.

Carla é uma prostituta de longos cabelos lisos e escuros, normalmente bastante séria e não muito falante, embora sempre converse comigo. Ela roupas simples e, no geral, justas, sem decotes acentuados ou peças de roupa curtas. Carla é identificada naquela região como uma prostituta, o que raramente acontece comigo, embora eu esteja naquele mesmo contexto.



Esses dados, por um lado, contemplam a categoria de região moral utilizada por Perlongher (1987), na medida em que o contexto faz muito sentido, isto é, os pontos nos bares são concebidos enquanto lugares onde se tem a oferta da prostituição. Contudo, estar na região, por si só não constitui um elemento definidor de que a mulher está ali para realizar programas. Também não o modo de vestir-se pois, tanto quanto eu nas idas a campo, muitas vezes elas usam roupas que não mostram muitas partes do corpo. Os acessórios e adereços utilizados por elas, muitas vezes também não estão em destaque, mas, ainda assim, com uma apresentação não insinuante no vestir e adornar o corpo, elas facilmente são identificadas como prostitutas. Mesmo os clientes novos sabem que elas fazem programas e que eu não faço, isto significa que há códigos internos na prostituição e que eles compõem um conjunto. Quer dizer, a região geográfica caracteriza a prostituição, mas sem as performances corporais de gênero para aquele ambiente, parece não haver a caracterização da prostituição. É de suma relevância, portanto, refletir sobre os processos de construções de gênero dessas mulheres. Estes parecem ser definidores de sua identificação enquanto prostitutas.

### **Descrevendo o ambiente (parte II) – o território das prostitutas**

*“Aqui a gente já conhece, né, já sabe como funciona a coisa, os dias que tão bom pra tira um dinheiro ou que a gente sabe que só vem pra não dizer que não veio. Tem outras vezes também que a gente ta aqui porque é aqui que tem gente conhecida, muitas aqui são minhas amigas, às vezes nem dinheiro tenho pra tomar alguma coisa, mas aqui se sabe que tem sempre uma parceria.”(CARLA, 7/11/2008)*

*“Um pouco de possível senão eu sufoco (GILLES DELEUZE,1992)*

Os bares abrem por volta do meio dia e fecham à noite ou no início da madrugada, o que varia conforme a quantidade de clientes. A movimentação é mais ou menos intensa em função da época do mês e do período do ano, de acordo com informações obtidas nas minhas conversas com as prostitutas trabalhadoras desses bares.

A partir dos primeiros dias do mês as mulheres costumam ir mais cedo para o trabalho e vão embora mais tarde, podendo aproveitar a possibilidade de fazer um maior número de programas porque, segundo seus relatos, nessa época os clientes costumam “estar com dinheiro”, pois recebem seus salários.

Os períodos de férias, em especial desde final de dezembro até meados de fevereiro, são descritos por elas como tendo menos clientes devido às viagens que alguns costumam fazer no veraneio.

Estas caracterizações de períodos mais ou menos movimentados para a prostituição coincidem com o perfil dos clientes descritos pelas prostitutas. De acordo com as descrições, eles são homens casados ou comprometidos que não freqüentam os bares à noite, mas durante o dia. Além do que, nas férias, não raro, têm compromissos de viagens junto às suas famílias.

É preciso salientar, também, que a escolha por esses lugares se deu por uma opção minha para uma pesquisa com prostitutas pertencentes a estratos mais baixos da sociedade, o que confere peculiaridade ao estudo.

À primeira vista, a inserção de mulheres de estratos sociais populares, de renda mais baixa na prostituição parece se auto-justificar, pois remete a idéia de que a necessidade de dinheiro é um motivo óbvio que a fez começar a atividade. Porém, considero que deve haver mais elementos das vidas dessas mulheres no que tange às relações de gênero e às suas sexualidades.

Aponto, como elemento de extrema relevância, o fato de as mulheres considerarem a alternativa da prostituição como atividade remunerativa possível. Se sua condição de pobreza simplesmente explicasse, por si mesma, esta escolha, então toda e qualquer mulher pobre a faria.

O pertencimento a um estrato social mais baixo é, portanto, um recorte inicial do estudo com a finalidade de levar a pensar para além do viés econômico o que aparentemente se justificaria por ele mesmo. Há uma dupla estigmatização nesse tipo de prostituição, pois além das mulheres utilizarem a sexualidade fora dos marcos

estabelecidos, soma-se sua condição de detentora de poucos recursos econômicos e limitadas possibilidades de ascensão social.

As mulheres entrevistadas são responsáveis ou co-responsáveis pelo sustento da família, a qual, no geral, conhece e respeita sua atividade, sejam os maridos, os filhos, as mães os pais ou outros. E como forma de sustento elas optaram por um trabalho que desterritorializa e reterritorializa as idéias de desejo e de corpos sexualizados. Um entendimento que vai ao encontro da teorização de Perlongher:

O desejo, lançado à circulação através do dinheiro (pensado aqui como fluxo de intensificação, e não somente como signo “racional”), carrega, para se excitar, oposições sociais que fraturam profundamente (historicamente) o corpo social. (Perlongher, 1987, p. 253).

Um fator importante focado nesta análise sobre as prostitutas é a forma como elas lidam com o corpo feminino. Essas mulheres têm em comum o fato de terem rompido barreiras no uso do corpo. O corpo da mulher na prostituição é usado por ela mesma como um instrumento para seduzir, fazer sexo, fazer companhia ou simplesmente conversar com homens com o explícito propósito de ganhar dinheiro. E a compra dos bens vendidos por ela é feita voluntariamente pelos homens interessados, sem nenhuma espécie de coação.

O corpo está presente na prostituição como o *locus* da atividade. E os bares como o *locus* dos corpos.

Para identificar os bares, os chamarei por nomes de flores. O bar begônia fica no meio da quadra de uma das ruas perpendiculares à avenida e tem uma fachada com uma pintura azul forte. A entrada nesse bar é relativamente discreta, pois o acesso se dá pelo portão de uma garagem e, a partir desta se acessa um corredor até os fundos da casa onde há um bar com mesas e cadeiras, música alta e uma luz lusco-fusco. Há, na parede, alguns cartazes com propagandas de cerveja e com campanhas sobre o uso de preservativo. Há, ainda, uma espécie de pista de dança na sala, pois as mesas têm um pouco de recuo possibilitando que se tenha espaço para dançar. Os quartos ficam à esquerda no interior do bar.

Em uma ida a este bar encontrei 4 mulheres dançando entre elas, formando um círculo e, neste momento, chegaram 2 homens que ocuparam uma das mesas ao redor da pista após solicitaram bebida no balcão. Enquanto eu conversava com 2 outras mulheres em outra mesa, as que estavam dançando ali permaneceram. Somente ao final da

música, uma daquelas que dançava olhou para a mesa onde estavam os homens e um deles levantou a garrafa da cerveja que bebia, sinalizando um convite para beber. A mulher acenou com a cabeça, sugerindo um “sim” e o homem pediu outra garrafa de cerveja e foi até onde elas dançavam para que assim bebessem juntos. Percebi que, eventualmente, eles trocavam algumas poucas palavras e, invariavelmente ele ou alguma das mulheres encostava-se na parede, descansando para, logo após, retomar a dança. O homem dançou e bebeu cerveja com elas por mais cerca de uma hora antes de ir embora junto ao seu amigo que permaneceu sentado, sem que nenhum fizesse programa com alguma das mulheres.

Este episódio narrado é bastante comum em qualquer um dos bares, são corriqueiras as visitas dos homens aos bares para beber e conversar com as mulheres. Suas idas até esses locais não implicam, necessariamente, em efetivação de programas. Em relação a isso, muitas das prostitutas contam que gostam de fazer amizades e de beber com os homens e que muitos deles freqüentam os bares com essa finalidade e às vezes fazem programas.

O bar que chamarei de azaléia, localizado na outra rua perpendicular, tem uma porta ampla na entrada e uma sala de recepção dos clientes com um balcão e uma mesa de sinuca posta em frente ao bar. Normalmente há uma mesa e cerca de quatro cadeiras em seu entorno, mas, eventualmente, em minhas visitas, a mesa não estava lá ou havia mais de uma. As cadeiras com freqüência são utilizadas pelas mulheres que trabalham no bar para sentar-se em frente a ele, sobre a calçada. Invariavelmente, nesses momentos elas estão bebendo cerveja e conversando com entusiasmo. A mesa de sinuca é bastante utilizada para o jogo e, em todas as vezes que fui, vi jogarem somente os clientes ou um cliente e uma prostituta.

As músicas que tocam no bar sempre são do estilo sertaneja ou “bailão”, o que parece animar as garotas que ali trabalham já que, por inúmeras vezes, as vi acompanhando suas letras.

O azaléia fica no térreo de um prédio antigo no qual seus moradores entram por uma porta ao lado da entrada do bar, na calçada e, os quartos onde os programas são feitos ficam atrás do balcão.

O que denominarei tulipa localiza-se na avenida e costuma ser o mais movimentado deles, sempre com mulheres no seu interior e na calçada durante o período de funcionamento. Possui uma porta de entrada com acesso direto à calçada, aos mesmos moldes do azaléia, uma pequena recepção dos clientes, com quatro mesas e

cadeiras em seu entorno, além dos banquinhos ao redor do balcão. Há cartazes com propaganda de cerveja e sobre o uso de preservativos colados na parede. Os quartos ficam, também, atrás do balcão. Neste bar, frequentemente há a presença de homens sentados sozinhos e diversas vezes os vi sendo ignorados pelas mulheres que estão ali. Quando eles as chamam, as convidam para conversar ou tomar cerveja, às vezes não são atendidos.

O lírio fica ao lado do tulipa e tem uma entrada um pouco mais sutil que o anterior, possuindo uma ante-sala em que são postas 3 cadeiras onde as mulheres do bar costumam sentar-se bebendo cerveja, conversando e chamando os clientes potenciais – os homens que passam pela calçada. Após a ante-sala tem uma sala de recepção dos clientes, com 2 mesas e cadeiras e um balcão, atrás do qual ficam os quartos. Neste local pude presenciar muitos casais formados entre uma prostituta e um cliente dirigindo-se para os fundos do bar onde ficam os quartos, a movimentação tanto delas quanto deles no interior do bar costuma ser menos intensa do que ocorre nos demais.

O copo de leite, ainda na mesma avenida e separado do lírio somente por um restaurante, tem sua entrada por uma rampa na garagem, cujo acesso à porta é feito por meio da qual se entra no bar que fica no subsolo. Este bar tem o estilo de boate, com mesas e cadeiras fixas no chão e um balcão. Há pouca iluminação no local e os quartos ficam ao lado de fora, para onde se tem contato através de uma área coberta.

Nos dias mais quentes as prostitutas costumam sentar-se ao redor das 2 mesas localizadas nesta área coberta, onde muitos clientes também permanecem sentados sozinhos ou conversando com alguma delas.

O orquídea fica em frente ao copo de leite, portanto, do outro lado da avenida, num prédio pequeno, com somente 2 apartamentos, em cima de um estabelecimento comercial. A entrada deste bar é a que classifico como mais discreta, ela se dá por uma escadaria estreita e a recepção do apartamento é uma ante-sala de onde, à direita, vai-se, num corredor, para a sala com sofás onde as prostitutas costumam ficar sentadas ou na sacada com vista para a avenida. No corredor estão os quartos e, diferentemente dos outros bares, este parece um local mais reservado e silencioso. Nem sempre está tocando música e a permanência de homens ali sem estar fazendo programa é mais incomum.

Soube da existência deste bar após algumas idas a campo nos 5 primeiros bares citados, já que este eu ainda não havia identificado como tal.

Algumas vezes, as mulheres ficam no meio da avenida, sentadas nos banquinhos públicos à espera de clientes com os quais, se acertado um programa, vão para algum dos quartos em algum dos bares. Por isso é possível dizer que não há fixidez dessas mulheres em um dos bares, dado que elas transitam entre todos eles, na sua maioria.

O tulipa, o mais movimentado, tem o preço do quarto mais baixo em relação aos demais. Enquanto nos bares begônia, lírio, copo de leite e orquídea o aluguel por uma hora no quarto é de R\$ 8,00, no azaléia é R\$ 10,00 e no tulipa, R\$ 5,00. As mulheres justificam a sua maior frequência no tulipa em função dos clientes optarem pelo preço mais baixo. O aluguel do quarto e a venda das bebidas consistem no lucro do dono ou dona do bar, sendo que as mulheres prostitutas recebem o dinheiro pelo programa feito que costuma ser de R\$ 30,00 o básico, aquele que elas chamam de “papai e mamãe”. O sexo oral e anal, para as mulheres que aceitam fazê-lo, são cobrados além do convencional. Esse preço citado é estabelecido, podendo ser variável de acordo com o cliente do qual se trata, a condição na qual a mulher prostituta se encontra (se está sem fazer programa há muito tempo costuma baixar o preço e, se está cansada, pelo contrário).

Os lugares onde costumam se efetivar os programas são os quartos. São para estes locais que prostituta e cliente se encaminham mediante acordo previamente estabelecido. À exceção do orquídea, os quartos e banheiro localizam-se nos fundos do bar, é para onde vão os casais após o primeiro contato na recepção.

O caso do orquídea é diferenciado porque os três quartos e o banheiro localizam-se no corredor por onde se acessa a sala onde são recepcionados os clientes. É ali que eles permanecem dançando, escutando música, conversando, bebendo na companhia das mulheres. Nesse corredor, em dias de maior movimento, há trânsito daqueles que querem ir ao banheiro, dos casais que se formam e dirigem-se até os quartos e das mulheres quando vão buscar bebidas no refrigerador situado na cozinha no outro extremo do corredor.

Para melhor visualização das mulheres que participam desta pesquisa, caracterizo-as através do quadro descritivo a seguir:

Nome	Idade	Nº filhos	Tempo na prostituição	Estado Civil	Escolaridade	Outras profissões
Ana	28	0	5 anos	Solteira	8ª série	Não tem
Carla	32	3	5 anos	Separada do 1º marido; viúva do 2º; atualmente tem namorado.	7ª série	Já trabalhou de empregada doméstica
Cristina	51	2	34 anos	Solteira	5ª série	Não tem
Cristiane	26	1	12 anos	Mora com companheiro	6ª série	Não tem
Elizabeth	27	6	2 anos	Solteira	4ª série	Não tem
Fátima	45	4	2 anos	Solteira	Dado não obtido	Vende Cosméticos
Franciele	25	3	4 anos	Tem namorado	6ª série	Não tem
Lisa	36	4	8 anos	Separada	1º ano do segundo grau	Empregada Doméstica
Lucimara	40	2	25 anos	Solteira	Dado não obtido	Cuida de idosos eventualmente
Margareth	25	2	2 anos	Solteira	1º ano do segundo grau	Não tem
Neuza	20	1	1 ano	Solteira	1º ano do segundo grau	Não tem
Norma	32	4	14 anos	Casada	5ª série	Trabalha numa casa de família
Paula	29	2	10 anos	Solteira	Dado não obtido	Vende cosméticos
Roselaine	38	3	18 anos	Separada	6ª série	Já cuidou de idosos

- **Classifiquei-as conforme sua auto-definição, por isso, no item “estado civil”, quando as entrevistadas declararam morar com o companheiro ou ter um namorado, assim designei.**

Este quadro demonstrativo destaca atributos das mulheres do presente estudo. A variância de idades é um predicado presente nessa modalidade de prostituição. Além de contemplar tipos físicos variados, nos bares, há “mercado” para as mulheres de diferentes faixas etárias.

O mercado sexual dos bares não discrimina tipos físicos, porém, quanto a outros aspectos, há uma constância perceptível. A escolaridade que nunca ultrapassa o 1º ano do segundo grau (segundo grau é equivalente, hoje, ao Ensino Médio) e o vínculo a subempregos estão nos perfis das prostitutas retratadas aqui. Seus poucos anos de estudo e seu histórico de relações empregatícias reforçam seu vínculo a extratos mais baixos da sociedade. Não que haja relação direta entre estudo, emprego e salário, mas o mercado de trabalho é minimamente ampliado para quem possui mais tempo de estudo institucionalizado (fazendo jus à maior importância atribuída ao conhecimento formalizado sobre o senso comum e sobre as experiências adquiridas em nossa cultura).

Somente uma delas não tem filhos e todas as que os têm são responsáveis pelo seu provimento econômico.

Esses dados reiteram a correspondência entre *precisar* e *fazer*. Ainda assim, no espaço entre um e outro, existe o que nos move a fazer ou não, o que mobiliza a conceber as ações como possíveis ou não possíveis.

### **Imergindo em campo: contatos iniciais**

*“A vida é a arte do encontro (...)” (VINÍCIUS DE MORAES, 1981)*

Adentrei em campo a partir de um contato já estabelecido a priori com as prostitutas que contemplo em minha pesquisa. Refiro-me à minha experiência de trabalhadora da Secretaria de Saúde de município em Santa Maria durante dois anos (desde abril de 2006 até junho de 2008). Uma de minhas funções no setor onde trabalhei



– Política em HIV/aids do município – era desenvolver um acompanhamento junto às trabalhadoras e aos trabalhadores do sexo no sentido de estímulo ao auto-cuidado e à prevenção, tanto em relação às doenças sexualmente transmissíveis quanto ao exercício da cidadania.

Este trabalho, anteriormente sob responsabilidade da 4ª Coordenadoria de Saúde da região central, estava sendo implantado na Secretaria de Saúde quando da minha entrada nesta. Isto significa que tive que construir algo que antes não havia<sup>5</sup>, o que acarreta, além de possibilidade de certa autonomia de ação, também muita responsabilidade em estar criando algo novo. Foi, portanto, uma possibilidade de abertura de campo nas políticas públicas do município.

Com esta experiência estabeleci contatos com muitos dos locais de prostituição do município, dentre os quais, os bares, onde após cerca de dois anos, resolvi desenvolver este estudo.

Este breve histórico é fundamental para que seja mais bem entendida minha inserção no campo e o quanto esta se deu de modo facilitado e dependente de uma ocasião anterior em minha experiência de vida. Assim, é necessário salientar que o campo propriamente dito, focalizado na pesquisa de mestrado se iniciou após minha saída da Secretaria de Saúde. No entanto, não ignoro – seria muita ingenuidade – a relação direta que houve de uma experiência com a outra em termos de percepções em campo durante o trabalho etnográfico. As mulheres elencadas em minha pesquisa já me conheciam em função de meu trabalho na Secretaria de Saúde, e muitas vezes ainda me viram desse modo no decorrer das entrevistas e das observações participantes. Gosto de deixar claro, e é fundamental ser dito, sobre a minha insistência em afirmar quais minhas intenções em campo em todas as ocasiões em que eu percebi ainda estar sendo vinculada ao trabalho na Secretaria de Saúde, mas não nego o quanto este elemento foi facilitador da minha inserção em campo.

Mais do que isso, é preciso ser dito a respeito do quanto esta minha experiência anterior influenciou na própria escolha do objeto de estudo quando do momento em que fiz o projeto para o mestrado. Considerando que a pesquisa é sempre permeada pela história de vida do pesquisador, a própria opção por determinado objeto está absolutamente embebida de valores pessoais.

---

<sup>5</sup> Esta função acabara de ser criada, atendendo a uma demanda percebida na Secretaria de Saúde, através da Política Municipal em HIV/AIDS que, no momento, estava sob coordenação da Cientista Social Flávia Costa da Silva.

O contato previamente estabelecido entre mim e as profissionais do sexo<sup>6</sup> foi decorrente de uma proposta de trabalho, que foi algo não planejado, mas, sem dúvida, despertou um especial interesse em investigar um pouco sobre as subjetividades que compõem as vidas dessas mulheres. Além do que, certamente, foi uma experiência que promoveu uma facilitação do posterior contato estabelecido e motivado pelo trabalho de campo do mestrado. Campo no qual eu estive atenta, de modo especial, às performances de gênero elaboradas pelas prostitutas a fim de confrontá-las com as teorias feministas das quais me subsidiei para a realização desta pesquisa.

A relação construída com as mulheres em campo se deu, neste caso, de modo dependente do vínculo já existente, e devo considerar que a acessibilidade que obtive ocorreu muito em função disto. De todo modo, se isso provocou certa confusão em relação a minha presença enquanto pesquisadora ainda identificada como uma trabalhadora de cuidados com saúde, também minimizou os impactos dos primeiros contatos e do estranhamento inicial. Algo carregado de prós, mas também de contras, a questão é não ignorar esse dado.

Dentre os prós, destaco a viabilização, diante dos contatos previamente estabelecidos, da minha imersão em campo e compreensão da operacionalidade deste universo. Também pude conhecer e delimitar meu universo de pesquisa antes da entrada em campo em função de já conhecê-lo.

Além disso, a hostilidade inicial por parte das mulheres que vieram a ser entrevistadas já era etapa vencida no momento em que passei à pesquisa<sup>7</sup>.

Cito, como aspectos negativos, os riscos de excessiva naturalização do campo a que eu estava sujeita. Algumas situações relevantes talvez tenham passado despercebidas por mim. Ainda, tive o problema de ter sido identificada, durante todo o processo de pesquisa, como uma trabalhadora da área de saúde.

Diante deste cenário que descreve meu encontro com as prostitutas, a seguir faço reflexões sobre as prostitutas deste universo, baseadas nas teorias sobre gênero e em trabalhos anteriormente produzidos sobre a temática.

---

<sup>6</sup> Este era o termo que eu utilizava para designar as mulheres que hoje denomino prostitutas. Meus motivos para a utilização do termo eram de cunho político, pois eu estava interessada em trabalhar, junto às mulheres, questões envolvendo direitos e cidadania, para tanto achei importante abordá-las a partir de uma expressão que atribuisse à atividade conotação profissional. A substituição para o termo prostituta se deu quando passei a conviver com essas mulheres já com interesses de pesquisa, momento em que mudei de opinião em relação aos termos e passei a considerar *prostituta* mais coerente com a realidade para não fazer uso de eufemismos.

<sup>7</sup> Preciso reconhecer que senti hostilidade por parte de algumas das prostitutas mesmo após eu ter ido muitas vezes à campo.

## PROSTITUIÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO

### A prostituição para as diferentes linhas do pensamento feminista

É importante ressaltar que os estudos feministas tiveram etapas e, visualizá-las facilita a compreensão da sua evolução. Mesmo que não lineares, as fases podem ser descritas como: fase universalista, humanista ou das lutas igualitárias pela aquisição de direitos civis, políticos e sociais; a fase diferencialista ou essencialista, embasada na afirmação da identidade pelas diferenças e a fase pós moderna, referente ao desconstrucionismo e à aceitação da existência de sujeitos múltiplos (SCAVONE, 2008).

O chamado feminismo radical (primeira fase) apóia-se na idéia de que a sexualidade constitui-se, potencialmente, de dominações de gênero. A prostituição é considerada uma forma brutal de dominação masculina capitalista (OLIVAR, 2007).

Seus defensores assumem um discurso de forte inspiração moralista, em que a sexualidade é focalizada e vigiada (para utilizar um termo de Foucault que, mais adiante, será citado em teorias que embasam uma linha diversa desta primeira).

Com idéias sanitaristas de modernização urbana, há uma luta moral de herança patriarcal cristã que classifica as prostitutas como razão do mal (GUY 1991, GARCÍA, 2002, Rago, 1985 APUD OLIVAR, 2007) na visão dos seus teóricos.

Há, no contraponto, outra corrente de pensamento feminista que sugere haver no sexo uma fonte de poder para a mulher. Neste caso, a prostituta simboliza autonomia sexual para as mulheres e uma ameaça ao patriarcado (PISCITELLI, 2005), cujo conceito descreverei mais adiante.

Esta segunda forma de entender a prostituição também centraliza a sexualidade e, por isso, aponta o sistema sexo/gênero como sendo de crucial importância. Conforme esta linha, não é possível pensar as construções de gênero sem considerar que o foco está na forma como as pessoas lidam com sua sexualidade, em especial a das mulheres, motivadora de preocupações de especialistas da psicologia e outros estudiosos.

Surgem, então, os estudos pós modernos voltados para a preocupação que se despende para as questões de sexualidade. O foco, neste caso, não é mais como se lida com as sexualidades, mas o fato de elas gerarem tanto debate em torno de si.

Estas novas linhas surgem a partir das idéias de Foucault, autor no qual diversas feministas inspiram-se para abordar sexo e gênero como sistemas portadores de relativa autonomia.

Para estas feministas, o sexo é um terreno de disputas no qual não há fixidez e deve ser visto como uma tática cultural. A cultura pode reforçar o sexismo e também pode desestabilizá-lo (PISCITELLI, 2005).

Conforme esta última abordagem feminista apresentada, a prostituição pode ser compreendida tanto como reiteração do poder masculino vigente, quanto como resistência a ele. Daí a importância de se pensar o fenômeno segundo o contexto cultural no qual está inserido.

As formas como as pessoas constroem o gênero (entendido como categoria construída) dizem respeito às suas experiências de vida. No caso deste contexto analisado, o fato de serem prostitutas pode compor as causas do modo como se dão as relações de gênero, como podem ser conseqüentes da forma como têm construídas essas relações.

A aparente ausência de linearidade nos discursos das prostitutas leva a supor que, definitivamente, é preciso de um olhar tão maleável quanto a realidade olhada, na qual não há estabilidade. Há antagonismos discursivos, se por um lado as mulheres justificam a entrada e a permanência na atividade de prostituição a partir de razões econômicas, por outro, elas costumam ressaltar a dignidade daquilo que fazem enquadrando a prostituição como um trabalho.

A vitimização está bastante presente nas suas justificativas: “quando me vi cheia de dívidas, contas para pagar e sozinha tive que vir para a batalha!”; “precisava colocar dinheiro em casa, dar as coisas para meus filhos, dar o que comer!”. Ao mesmo tempo, as entrevistadas sempre lançavam mão de falas reivindicatórias e de aceitação da sua atividade, enquadrando-a como “qualquer outra!”; “faço um trabalho digno como o teu, como muitos por aí, não vejo nenhum mal porque não faço mal para os outros fazendo isso!”.

Essas ambigüidades perpassam o universo referido distinguindo também o público e o privado. Ao entender a prostituição enquanto um trabalho, e um trabalho digno, as prostitutas diferenciam seu comportamento neste ambiente de trabalho do seu comportamento nos demais ambientes. Promovem, desse modo, a cisão entre o público e o privado por uma tecnologia de “regulamentarização simbólica” (OLIVAR, 2007).

“No prédio onde moro com meu filho nem converso muito, não me dou com ninguém, tem o meu namorado que vai lá e eu sou bem na minha!”, conta Franciele.

Os códigos culturais que orientam as práticas cotidianas (OLIVAR, 2007) e os discursos das mulheres que exercem a prostituição são aqueles compartilhados pelo imaginário social e associados a idéias de promiscuidade sexual. Mas é importante destacar que a inteligibilidade de gênero (BUTLER, 2009), neste universo, dá-se conforme os seus próprios códigos. As performances de gênero pertinentes são moldadas às vivências de cada pessoa, na medida em que inteligibilidade consiste nos comportamentos aceitáveis de acordo com a ordem hegemônica.

Uma constante nos discursos das entrevistadas é a represália em relação à associação da prostituição com promiscuidade. Falas como a de Cristiane, uma moça com rosto angelical, de baixa estatura e corpo magro, que não usa nenhum adereço como bijuterias, maquiagem ou esmalte nas unhas e veste-se, quase sempre com uma blusinha, uma calça jeans e chinelo ou tênis: “tem mulher por aí muito mais puta do que eu, que dá sem cobrar” (Cristiane, 26).

Ou “eu trabalho aqui não é porque eu quero não, é por necessidade mesmo, acho que ninguém cai nessa vida porque quer, né, tu não acha? Só que aí fora tem umas que não tão aqui e fazem coisa muito pior, eu faço por necessidade, a gente aqui faz por necessidade”(Norma, 32), sugerem que a associação prostituição - promiscuidade é compartilhada pelas próprias prostitutas. Isto é demonstrado pelo lugar que essas mulheres se colocam pela condição de ser prostitutas pois, suas falas apontam que há uma previsibilidade em relação ao que os outros pensam delas e sobre o que elas mesmas pensam sobre si. Se há “gente que faz muito pior” é porque o que se faz na prostituição não é bom, não está abarcado nos comportamentos possíveis para o seu gênero ou não está em consonância com a inteligibilidade de gênero. Butler (2003) utiliza o conceito de inteligibilidade para definir a coerência interna entre sexo, gênero, práticas e desejos sexuais há uma norma que orienta, portanto, as práticas sexuais de todos. No caso das prostitutas, quem sabe a “consciência” de que estejam fazendo algo fora das normas as coloque dentro dos marcos de gênero na medida em que elas “sabem” como é o comportamento prescrito para as mulheres e é por motivo de força maior que o transgridem. A questão econômica é a razão pela qual dizem subverter essas normas, mas é possível que esta justificativa seja tão recorrente porque as coloca em condição de vítimas, talvez a mais confortável para uma mulher estar no sistema patriarcal vigente. Há uma performance, um desempenho de papel consentâneo com um

estatuto atribuído previamente (GOFFMAN, 1993), qual seja, o estatuto de gênero. É como se a fórmula para ser mulher estivesse delineando o comportamento das prostitutas. Elas têm a inteligibilidade de gênero conforme prevê o sistema patriarcal.

Fundamentada em Saffioti (2004), entendo patriarcado como um sistema de desigualdades de gênero historicamente construído em que as diferenças sexuais presentes no ser macho ou fêmea implicam na subordinação das mulheres. Neste sentido, não é um conceito que exclua o de gênero, pelo contrário, entendo-os como conceitos diferentes que podem ser utilizados de modo concomitante.

A organização de gênero de modo hierarquizado em que homens sobrepõem-se às mulheres é uma organização patriarcal. O gênero requer um investimento social para ser construído e pressupõe tanto igualdade como desigualdade, desse modo ele contempla o patriarcado que é datado historicamente. Segundo Machado (2000, p. 4)

O conceito de gênero não implica o deixar de lado o de patriarcado. Ele abre a possibilidade de novas indagações, muitas vezes não feitas porque o uso exclusivo de patriarcado parece conter já, de uma só vez, todo um conjunto de relações: como são e porque são. Trata-se de um sistema ou forma de dominação que, ao ser (re)conhecido já (tudo) explica : a desigualdade de gêneros. O conceito de gênero, por outro lado, não contém uma resposta sobre uma forma histórica. Sua força é a ênfase na produção de novas questões e na possibilidade de dar mais espaço para dar conta das transformações na contemporaneidade. [...].

A utilização do conceito de gênero é fundamental porque permite visualizar a construção social das relações e o patriarcado facilita a compreensão da dominação de mulheres por homens neste momento histórico. Concomitantemente, estes conceitos permitem a melhor compreensão da subordinação histórica de mulheres e esta compreensão possibilita melhor discernimento para os inúmeros exemplos de desigualdade de gênero que a sociedade comporta.

A existência da prostituição feminina é um bom exemplo para tratar das questões de gênero a partir de uma análise da sexualidade no interior do grupo.

Rubin propõe a utilização da história social da sexualidade a partir de análises de poder. A autora sugere um esquema de diferenciação entre sexo e gênero para pensar a história social da sexualidade e das relações de sexo e poder trazendo o conceito de “pânico sexual”. Este se refere às políticas de exclusão dos grupos sexuais não hegemônicos, através de dominações engenhadas sutilmente pelas instituições, sejam elas o Estado, a escola, a família, a polícia, entre outros. (KOURY, 2008).

Dentre os “grupos sexuais” não englobados na ordem moral sexual pode-se elencar as prostitutas.

### **Corporalidades**

*“Só o presente existe no tempo, porque é o presente dos corpos. Só os corpos ocupam um lugar no vazio e existem no tempo presente. Na relação do corpo com o vazio vai emergir um efeito incorporal: o lugar. Na relação do corpo com o tempo vai emergir outro efeito incorporal: o acontecimento. Lugar e acontecimento são eternos atributos dos corpos.” (FUGANTI, 2008)*

A defesa aqui proposta é do entendimento do conceito de gênero pelo viés da desnaturalização, assim entende-se o gênero como algo socialmente construído. Sem negar a presença de fêmeas e de machos na natureza, é preciso ter-se em mente a mediação da cultura na definição de parâmetros definidores do masculino e do feminino. Há, portanto, uma arbitrariedade cultural nessa definição que não é capaz de se sustentar pela reducionista visão das diferenças entre os sexos. (HEILBORN, 1994).

Sem abandonar as idéias do estruturalismo, como assumir que existe uma estrutura histórica de diferença de gênero que é o patriarcado, me valho de conceitualizações de autores classificados como pós-estruturalistas que também têm a contribuir em termos de teorizações sobre gênero. Nessa perspectiva, Butler<sup>8</sup> (2001) afirma que o gênero é performativo e expressa a ritualização de práticas que produzem o efeito de algo inerente ao ser, algo presente na essência do ser. O gênero é, na realidade, um jogo de interpretações do corpo e, por isso, é mutável e histórico, ou melhor, mutável porque histórico (BUTLER, 2001).

---

<sup>8</sup> Butler, com raízes no pensamento pós estruturalista e desconstrucionista entende que as estruturas normativas (que precisam ser desconstruídas) são formadoras das identidades. Não há possibilidade de acessar o corpo em sua materialidade, pois o corpo é composto por uma rede de significados e valores. O gênero é uma dessas estruturas, quando não a matriz de todas elas (Guaraldo, 2007).

Na mesma linha pós-estruturalista, Mayer (1996) defende o conceito de gênero como um instrumento teórico e político para uma resignificação das ditas verdades instituídas pelos discursos científicos. Ou seja, a idéia binária de distinção masculino x feminino é imposta em função do cenário patriarcal no qual se está.

Tal cenário patriarcal refere-se a um sistema de sujeição da mulher pelo homem não restrito ao âmbito privado, mas se constitui num tipo hierárquico de relação civil materializada (SAFFIOTI, 2004).

Heilborn (2004) define patriarcado como uma estrutura ideológica de poder que possui a capacidade de se corporificar. É ideológico porque serve a interesses de grupos dominantes no momento histórico e corporifica-se porque é capaz de atingir materialmente os corpos sobre quem recai. A postura corporal das mulheres na sociedade patriarcal é produzida pela internalização dos valores patriarcais que são, portanto, preconceituosos.

Esta autora, para elucidar melhor o conceito que apresenta de patriarcado, relaciona-o com o de gênero. De modo que gênero diz respeito às representações do que é feminino e masculino. Não nego que as práticas de mulheres e de homens possam ser diferenciadas ou que estes não tenham distinções biológicas entre si. A questão apontada é de que estas diferenças não pertencem à mesma instância.

Histórico, o patriarcado é um caso específico de relações de gênero em que os seres desiguais são hierarquizados. O gênero, conceito mais vasto, compreende não somente relações desiguais, mas também as igualitárias (SAFFIOTI, 2004).

Prostituir-se, conforme as prescrições morais pré-definidas, faz alusão a praticar uma atividade que está além daquelas previstas para o exercício feminino da sexualidade no sistema patriarcal. Historicamente, há um roteiro para as mulheres que, grosso modo, pode ser entendido como práticas envolvidas em cuidados. Mesmo no âmbito do mercado, cuidar é designado às mulheres, como extensão daquilo que teoricamente elas são capacitadas a fazer no espaço do lar, na vida doméstica. Em nossa sociedade a responsabilidade pelo cuidado com a família é das mulheres e esse cuidado no interior das estruturas privadas reflete-se fora do lar também (TRONTO, 1997).

No mercado sexual contemporâneo, gênero e corporalidade se interligam (PISCITELLI, 2007) e, com vistas a compreender mais profundamente os enlaces entre ambos, é preciso refletir sobre a corporalidade no universo da prostituição.



Para tanto é preciso buscar compreender a lógica do agenciamento da corporalidade das mulheres prostitutas e entendê-la como um espaço social carregado de significações e simbologias (PASINI, 2000).

A demarcação entre o que se pode ou não fazer durante um programa demonstra a existência de práticas corporais diferenciadas com seus clientes e com seus parceiros afetivos. Todas elas disseram ter relações heterossexuais no campo afetivo e, com os seus companheiros sua permissividade em relação ao sexo é muito mais ampliada.

Nas entrevistas são recorrentes os depoimentos que enfatizam a restrição ao beijo na boca e ao sexo anal com clientes, mesmo que o façam com seus companheiros. Muitas não têm determinadas práticas na sua atuação profissional e outras fazem somente mediante pagamento diferenciado e previamente combinado. Franciele conta: “não misturo as coisas, com quem tenho maior intimidade eu faço diferente. Já aqui (no bar) eu não vou transando com qualquer um não, eu escolho os homens, tem uns que não dá pra encarar e o cu eu não dou não e também não beijo na boca dos caras daqui”.

Franciele, uma moça de pele bem branca e olhos azuis, normalmente pintados, usa alguns brincos grandes e o cabelo preso. Na maioria das vezes está de calça jeans e algumas vezes com decotes e cores fortes. Sempre a vi sentada conversando com suas colegas de bar ou com algum cliente, na maior parte dos casos sem falar alto ou gargalhar, como costuma fazer Lisa, por exemplo.

Lisa, 36 anos também comenta: “não gosto de beijo na boca, não gosto de agarro na frente dos outros. Só faço boquete se o cara pagar mais, daí tem que combinar antes porque quase sempre faço o “papai e mamãe” mesmo”.

Franciele conta que conheceu seu atual namorado no bar, na condição de seu cliente e que com ele as práticas inicialmente sexuais profissionais passaram a ser sexuais afetivas.

Os limites impostos entre as práticas das prostitutas na sua atuação profissional em relação àquelas que têm com o companheiro, marido ou namorado denotam a significação dada à corporalidade.

Os corpos das mulheres aqui abordadas constituem espaços onde se podem dividir, simbolicamente, as esferas da vida profissional e pessoal, na medida em que elas distinguem a partir das práticas com o corpo o que é permitido fazer “em casa” e “no bar”. A distinção operada com o corpo parece ser uma extensão da distinção dos papéis da mulher nos diferentes espaços.

Limites do que se faz com o corpo na prostituição simbolizam os limites nos papéis exercidos por essas mulheres nesse âmbito de suas vidas. A delimitação dos papéis é legitimada pelas suas atitudes de “não misturar as coisas” e, como diz Paula, 29 anos: “minha filha sabe que trabalho aqui, meus irmãos também, e daí? sempre tem dinheiro em casa quando a gente precisa, tá todo mundo acostumado com isso lá em casa” ou Lisa: “se eu não precisasse não viria aqui mas também foi uma escolha minha, foi a saída que encontrei, quando meus filhos querem alguma coisa eu posso ter (dinheiro) para comprar, eles sabendo que eu trabalho podem pedir e eu vou conseguir comprar algum brinquedo, um caderno novo. Eles sabem o que eu faço e sabem que sou boa mãe.”

Distinguir papéis conforme os diferentes espaços que se ocupa remete a refletir sobre a idéia de inteligibilidade cultural, expressa por Butler. Os comportamentos viáveis de gênero, para as prostitutas devem estar de acordo com o lugar da onde se fala.

É através do corpo que as mulheres vivenciam os limites do que é permitido em cada ambiente no qual estão. As suas práticas corporais fazem essa comunicação. “É o corpo que expressa o processo de objetividade-subjetividade. É o corpo que vive a alma-espírito. É no corpo que estão inscritos processos de transformação – por vezes micro processos, como estou afirmando, mas que podem acabar por produzir grandes mudanças na vida cotidiana das pessoas.” (PERURENA, 1999, p.84)

Para pensar as relações entre as performances de gênero e o uso do corpo a partir da prostituição, a noção inteligibilidade de gênero, formulada por Butler, é coerente. É no interior dos limites de inteligibilidade cultural que os corpos, os gêneros e os desejos são designados. Todos estes devem fazer algum sentido dentro dos moldes normativos que levam a refletir sobre o que é o ser humano em termos de sexualidade.

É preciso pensar se a prostituição é uma atividade inserida nos modos possíveis de *fazer*, isto é, é contemplada pelas *estratégias de repetição subversiva* das identidades sexuais ou se em outros momentos as mulheres prostitutas sinalizam práticas que de inteligibilidade de gênero.

As prostitutas demonstram distinguir o universo profissional, onde praticam a prostituição, daquele âmbito doméstico ou privado onde vivem. É crucial refletir sobre a existência de esquemas de inteligibilidade nesses comportamentos identitários assumidos pelas mulheres prostitutas em diferentes contextos.

A presença do uso do preservativo ilustra bem as fronteiras entre os universos “da prostituição” e o “universo do lar”. Norma, 32 anos, conta: “com namorado eu não

uso camisinha porque tem confiança, é outra coisa, eu não posso é deixar de usar aqui (no bar), né? Aqui eu uso pra não correr riscos comigo nem de levar doença pra casa, uma aids ou outra coisa.”.

Em todos os casos as entrevistadas afirmaram ser rigorosas com o uso do preservativo nos programas, mas, com parceiros afetivos há uma relativização muito mais ampla. Sem problematizar, ao menos neste momento, a questão do auto-cuidado dessas mulheres e de suas preocupações no que diz respeito ao corpo, é visível a presença do preservativo como um diferencial das suas práticas sexuais com clientes e com parceiros afetivos.

Do mesmo modo que as práticas sexuais, possivelmente também outros comportamentos são diferenciados. Roselaine, 38 anos, diz: “Da parada do ônibus pra cá eu sou uma, pra lá eu sou outra, a minha casa é sagrada”.

O contexto no qual estão as mulheres, portanto, denota o comportamento adotado e as significações que este terá. Ao analisar as questões de gênero deve-se atentar para as diferentes performances que serão assumidas em diferentes espaços.

### **Relações de gênero e negociações de poder**

Vivemos sob a égide de relações de gênero dentro de uma ordem patriarcal. O fenômeno social do patriarcado é baseado, de acordo com Johnson (1997), no controle e no medo disseminado entre os homens (que se consideram o centro do universo). Assim, são as relações de disputa de poder que mantém o esquema de dominação-exploração de gênero patriarcal.

As relações de gênero constituem-se, assim, em relações de poder. A produção das desigualdades sexuais e de gênero são, portanto, passíveis de serem analisadas sob a fundamentação foucaltiana.

Foucault (1977) analisa uma forma corrente de dominação que se dá de modo velado, em que o servil é “treinado” para querer fazer, ele é voluntariamente disciplinado por um poder maior. Este poder não é unilateral, mas se dá nas relações, ocorrendo entre todos os seres humanos em diferentes espaços e tipos de relações. Este

poder pode ser visualizado inclusive nas relações micro, segundo o autor. Aqueles que estão na posição de dominados nas relações constituem os *corpos dóceis*. São dóceis porque não há escravidão, mas uma espécie de consenso entre os dominadores e os dominados e estes o são voluntariamente.

O poder também é cambiante na medida em que uma mesma pessoa ou um mesmo grupo é dominador em determinadas situações e/ou condições e, em outras, é dominado.

O poder não é constituído unilateralmente e tampouco verticalmente, como sugere Lagarde(1993) ao definí-lo enquanto

“... a capacidade de decidir sobre a própria vida: como tal, é um fato que transcende o indivíduo e se plasma nos sujeitos e nos espaços sociais: aí se materializa como afirmação, como satisfação de objetivos (...). Mas o poder consiste também na capacidade de decidir sobre a vida do outro, na intervenção com fatos que obrigam, circunscrevem ou impedem. Quem exerce o poder se arroga o direito ao castigo e a postergar bens materiais e simbólicos. Dessa posição domina, julga, sentencia e perdoa. Ao fazê-lo acumula e reproduz o poder (LAGARDE, 1993)

O conceito supracitado é relevante para o entendimento de poder que ultrapassa os limites políticos e institucionais, mas que fazem alusão a sua operacionalização em redes de relações de força do ponto de vista pessoal e social. No entanto, não se trata de uma força vertical imposta sobre os subalternos por parte de quem ocupa posição privilegiada. As posições de força privilegiadas movem-se constantemente, bem como, os sujeitos subalternos são ativos.

Em minha pesquisa há uma visível oscilação de poder entre as mulheres prostitutas e seus clientes, conforme se pode conferir através da observação de alguns aspectos constatados em campo e mesmo nas entrevistas.

Linhas de pensamento feminista desconstrutivistas ou historicistas da realidade, embasadas em Foucault, pensam sexualidade e gênero como um campo não fixo de posições de gênero e de poder. Consideram que há uma ordem sexista mas que esta não é determinante, necessariamente. “O sexo é visto como uma tática cultural que pode tanto desestabilizar o poder masculino como reforçá-lo” (PISCITELLI, 2005, p. 8)

Todas as mulheres entrevistadas afirmaram decidir como será o programa, ou seja, o que o programa incluirá e que tipos de práticas serão permitidas por elas. As mulheres disseram ter restrições em relação a algum tipo de prática ou a algum tipo de

cliente, o que as leva a decidir se fará ou não o programa e, mais do que isso, como será este programa.

Em alguns momentos, na condição de prostitutas, as mulheres saem do destino de gênero dado pelo patriarcado. Patriarcado apresenta a noção de relações hierarquizadas entre seres com poderes desiguais trazendo ferramentas para explicar as desigualdades (SAFFIOTI, 2001).

Conforme Castro (1993), o corpo sexualizado da prostituta é ameaçador para a sociedade patriarcal na medida em que transgride as representações da sexualidade feminina.

Por outro lado, a despeito da possibilidade de se entender a prostituição como uma atividade profissional, tem-se as relações de gênero implicadas. Afinal, trata-se de relações em que se têm somente mulheres vendendo algo (embora haja travestis que se prostituem, no mesmo ambiente de investigação, não as contemplo em minha fonte de dados) e homens comprando o que se vende. Por este viés, pode-se ver um domínio daquele que compra, que detém o poder de comprar e de obter, sobre aquela que vende algo porque necessita do dinheiro, pois todas as mulheres entrevistadas afirmaram trabalhar como prostitutas por motivações econômicas.

Os homens clientes são os consumidores dos serviços prestados pelas prostitutas e, conforme uma relação mercadológica ou comercial típica, há tabelamento de preços de acordo com as práticas que serão realizadas. A categorização “profissional do sexo” traduz a re-significação existente hoje em relação à prática da prostituição. (LOPES et al, 2007)

Os clientes têm, então, o que as mulheres prostitutas precisam (dinheiro) e estas, por sua vez, tem o que eles precisam (sexo, diversão, prazer, companhia) no dado momento do encontro estabelecido pelo programa. A mulher, nesse contexto é dominadora em determinadas circunstâncias e dominada em outras.

O dinheiro, nessa relação, tem o papel de simbolizar quem é cada sujeito ali envolvido. O homem cliente é seu possuidor e isto lhe confere poder de obtenção da mercadoria que almeja. A mulher prostituta é um sujeito que tem o poder de oferecer seu corpo mercadologicamente e taxá-lo conforme entende que deve. A mediação do desejo pelo dinheiro atribui profissionalismo à relação estabelecida.

É contundente, em relação a isto, a presença de trocas no decorrer do programa, de negociações e de uma das partes ter o controle em determinados momentos e ser controlada em outros. Quando oferece seus serviços ao cliente em potencial (o homem

que está no bar ou mesmo aquele que passa em frente ao bar no caso dos lugares que têm acesso direto à calçada) o homem parece ter poder sobre a mulher. Nestes momentos os homens podem decidir se farão ou não o programa com a mulher, além do que, poderão escolher com qual das mulheres o farão. Mas, durante a negociação, as mulheres têm ingerência sobre o uso do seu corpo, decidindo quais práticas são vetadas e quais são liberadas. Há, segundo os relatos de todas as mulheres, práticas que elas desenvolvem em relações afetivas, mas não profissionalmente.

Ainda há outra alternativa de início do programa que não é a partir da iniciativa das mulheres se oferecendo, é o caso dos homens procurando. Durante a observação participante pude perceber, diversas vezes, os homens oferecendo bebidas às mulheres (simboliza o início de um programa ou de um possível programa, ou seja, de uma negociação). Nestes casos pude presenciar algumas atitudes de negativa ou de hostilidade das mulheres de modo a refletir seu desinteresse. Isto significa que as mulheres estão naquele lugar e naquela atividade para fazer programas, mas não para fazer qualquer programa, seja em relação à escolha do cliente, bem como a escolha das práticas sexuais e/ou afetivas. Algumas vezes eu as via saírem de perto do cliente e deixá-lo sozinho em alguma mesa. Em certa ocasião, durante uma entrevista com uma das mulheres, outra que estava “acompanhada” (termo êmico utilizado para designar a situação das mulheres que já estão com um cliente, seja bebendo em uma das mesas do bar, seja no quarto alugado no local) abandonou seu cliente para vir conversar comigo dizendo que queria contar sobre sua vida também.

Há, portanto, certa autonomia das mulheres prostitutas em relação ao programa, uma autonomia que poderia justificar, em certo sentido, a prostituição ser considerada um trabalho como qualquer outro. Da mesma maneira que outros trabalhos, vantagens e desvantagens, com prós e contras, satisfações e insatisfações e, em larga medida, motivado pelo retorno financeiro. Por isso, os desprazeres da atividade não seriam motivos suficientes para sua depreciação, é preciso que se pense além deles, lembrando que há questões morais depreciaando-o. É importante destacar que aqui se cita “certa” autonomia e se refere a possível ingerência que as prostitutas têm sobre a negociação do uso do seu corpo.

Ao considerar a relativa autonomia das mulheres, os argumentos vão ao encontro das chamadas teorias feministas desconstrutivistas. Para pensá-las, serão apontadas as diferentes correntes de pensamento que fizeram alguma abordagem sobre gênero.

Sobre o controle das sexualidades, as teorias foucaultianas apresentam uma argumentação bastante relevante de ser pensada. Ao opor os conceitos de *ars erótica* e de *scientia sexualis*, Foucault define o primeiro como inerente às civilizações não ocidentais e significando a busca da verdade sobre o prazer nos saberes. Nas sociedades ocidentais a *scientia sexualis* apresenta-se como o conceito sobre sexualidade e trata-se do processo inverso ao anteriormente citado, é a produção de saberes sobre o sexo a partir da exposição máxima deste. Aqui a confissão acerca das sexualidades é obrigatória e é pela produção de discursos a respeito do sexo que se controla as sexualidades.

É pelo discurso médico que se pratica esse controle sobre a sexualidade. A pretensa neutralidade científica da ciência médica, calcada em ideais evolucionistas, é tida como a detentora da verdade sobre sexualidades (ou melhor, *a sexualidade*, como se houvesse um único caminho possível).

A legitimação do cientificismo sobre sexo associa, diretamente, os estudos da sexualidade com estudos sobre reprodução, praticamente reduzindo-a a isso e negando, desse modo, todas as subjetividades que o conceito abarca.

O que o autor afirma, afinal, é que nossa sociedade ocidental não vive um momento de superação da repressão sexual em função das palavras proferidas sobre, mas sim uma vigilância da sexualidade através da proliferação de um vocabulário depurado e repleto de autoridade.

O pensamento de Foucault problematiza a classificação do sexo como algo natural identificando-o como produto de uma construção social/cultural. Bem como o corpo, que sofre adequações e readequações para estar numa dada sociedade, isto é, ele adapta-se às convenções sociais vigentes. Tais adequações afetam o corpo e a alma dos sujeitos (CORREA, 2003).

Em termos de prostituição, há uma vigilância porque o fenômeno tem implicações no controle reprodutivo e na moralidade sexual mantida e, contraditoriamente, respaldada pela cientificidade. Há um profundo controle sobre alguns fatores envolvidos na prostituição: desejo, prazer, transgressões.

A sexualidade, desenvolvida de modo pervertido, por assim dizer, no exercício da prostituição, é absolutamente carregada de valores, de personalidades, “o sexo está na encruzilhada de natureza, psique e cultura” (DIMEN, 1997).

Franciele, que faz programas há 4 anos, conta que não confunde afetividades com o trabalho profissional. “No programa é uma seqüência, tudo é automático, tu já

chega, tira a roupa, sabe direitinho já o que vai fazer e como vai terminar, mas às vezes eu recuso cliente, não vou com qualquer um”. Esta mesma entrevistada conta que tem um namorado e que fazer sexo com ele é completamente diferente de fazer com clientes, embora eles tenham se conhecido no bar de prostituição nas condições de prostituta/cliente.

O perceptível, neste caso ilustrativo, é que há uma relação profissional que se transforma em pessoal de um modo muito análogo a como poderia acontecer num escritório, digamos. O fato de a relação ter transcendido o âmbito do trabalho não sinaliza, necessariamente, falta de profissionalismo. Sinaliza, talvez, que as trocas estejam além do cunho monetário e profissional.

Para elucidar acerca das relações de gênero envolvidas na prostituição, é importante dizer que há relações desiguais de gênero implicadas no que se pensa sobre a prostituição. Com isso, ressalto que o “mundo exótico” composto por prostitutas não é um ambiente isolado em relação aos ambientes maiores nos quais está inscrito. Obviamente, com suas peculiaridades, mas do mesmo modo que ocorre com outra atividade remunerada, esta é muito compreendida, pelas suas praticantes, como um recurso financeiro, algo que se pode fazer como fonte de renda.

Ao se propor estudar o dito universo da prostituição parece que se irá adentrar num mundo à parte, onde há erotismo exacerbado e concepções de corpo altamente transgressoras. Na realidade, esta idéia, muito presente no senso comum, é desconstruída ao longo da pesquisa e percebe-se que o “exótico” é menos exótico do que parece inicialmente e não há homogeneidade neste “universo” referido (FONSECA, 2003), o que significa que há prostituições e não uma prostituição.

Castro (1995) fala sobre as identidades das mulheres prostitutas considerando que esta questão perpassa a idéia de representação social da mulher estruturada conforme o ambiente onde ela se encontra. As prostitutas, com seu corpo sexualizado, subvertem as representações sobre a sexualidade da mulher (CASTRO, 1988). O estigma da profissão é fundamentado no sistema patriarcal, pois é no interior deste que podem ser identificadas diferenças de gênero que subjugam o feminino e demarcam muito fortemente os espaços permitidos às mulheres transitar. Estes espaços consistem, basicamente, num não rompimento das barreiras que lhes preservam as características consideradas “femininas”.

A preservação de características ditas “femininas” é decorrente da opressão feminina histórica e isto está contido nas críticas à prostituição. São considerados



condenáveis os comportamentos das prostitutas por não estarem enquadrados nos padrões de feminilidade esperados de uma mulher no sistema patriarcal. As definições, tácitas ou explícitas, sobre as posturas e as atitudes esperadas do ser feminino enquadram a sexualidade sob os olhos vigilantes de todos na sociedade. Neste ponto é possível, novamente, trazer à tona Foucault. Sua defesa de que a sexualidade na sociedade atual ganha os holofotes, e de que a dita repressão sexual de que tanto se fala, na realidade é uma desculpa para se falar em sexualidades. Tanta atenção sobre um assunto denota o controle sobre o mesmo, no sentido de que se há tanto interesse em se falar acerca da sexualidade é porque a temática é considerada, neste momento histórico, de crucial importância.

O que é preciso perceber é o caráter de provisoriedade das verdades, isto é, as verdades de agora são aquelas inseridas neste tempo e servem bem ao momento atual mas, muito provavelmente, deixarão de servir e serão substituídas por outras verdades.

A verdade veiculada pelos discursos hegemônicos é de que, para que não haja repressão sobre a sexualidades é necessário falar muito sobre, o que produz a falsa impressão de liberdade sexual. A suposta liberação sexual nada mais é do que o controle produzido sobre os corpos, num sistema em que todos falam sobre a temática e assim, todos a vigiam.

São os discursos dominantes que impõem, portanto, as regras referentes aos comportamentos sexuais “certos” e “errados”. E esses discursos não se disseminam de modo vertical sendo um grupo o poderoso propagador e um grande grupo receptor mas, pelo contrário, há uma co-produção dos discursos onde cada um e todos produzem e fomentam as grandes idéias aceitas.

Assim se dá o controle sobre tudo e, por conseguinte, sobre os corpos, os comportamentos sexuais e as diferenças de gênero, pontos que aqui são especialmente interessantes. Dentre os dispositivos de poder acionados na sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1979) é possível apontar as diferenciações produzidas para cada gênero numa aparente época de revolução ou pós-revolução sexual.

Na medida em que vivemos numa sociedade onde vigora um sistema de vigilância de todos para todos, de modo que todos os corpos são disciplinados para a execução de suas ações, as classificações sobre comportamento sexual e de gênero estão implicadas, logicamente, nessa sistemática.

Nessa perspectiva, os comportamentos das prostitutas são pensados como fora do âmbito do permitido, dadas as históricas idéias provenientes das sociedades

burguesas sobre o sexo para os homens e para as mulheres. Nessas idéias estão contidos padrões de monogamia, de dissociação do sexo com outros valores que não da reprodução e do prazer, de sexo como entrega do corpo, ou seja, o corpo como representante da materialização do prazer que pode (e deve) ser obtido a partir das práticas sexuais e de diferentes posturas em relação às práticas sexuais para os homens e para as mulheres.

Os padrões de monogamia ainda são rigorosos para com as mulheres, as quais devem ter um único parceiro de cada vez e isto tem origem na constituição das famílias burguesas. A permanência desses padrões é sintomática da vigência do sistema patriarcal.

A questão de o sexo ter o objetivo da reprodução é proveniente do cristianismo e já foi superada, em grande medida, nas sociedades ocidentais modernas onde temos estados pretensamente laicos. O prazer passou a ter centralidade nas práticas sexuais e, mais do que isso, passou a ser obrigatório e esta afirmação está muito presente no discurso biomédico, nos atendimentos clínicos de psicólogos ou terapeutas que avaliam como patológicas as práticas sexuais não enquadradas no padrão do sexo entre um homem e uma mulher em que ambos se realizem e fiquem felizes.

A obrigatoriedade de falar sobre sexualidade é um controle sobre ela, travestido de liberação sexual. A prostituição, sendo uma atividade implicada, em princípio, em trocas sexuais, está sujeita a este tipo de controle.

Um bom exemplo disso é o debate em relação à regulamentação da atividade, do qual falarei a seguir.

## **CAIR NESSA VIDA: A ESCOLHA PELA PROSTITUIÇÃO**

*“São precisamente as perguntas para as quais não existem respostas que marcam os limites das possibilidades humanas e traçam as fronteiras da nossa existência.” (Kundera, 1984).*

### **A prostituição como uma profissão**

Torres, Davim e Costa afirmam que nenhuma civilização prescindiu da atividade de prostituição, prática, atualmente, tratada de modo indefinido pelo Código Penal Brasileiro. A legislação condena a exploração sexual por parte de terceiros (que não sejam a prostituta e o cliente), ou seja, a cafetinagem. Ao mesmo tempo, nada consta, juridicamente, em relação à prostituta como pessoa jurídica (LOPES et al,2007).

As atividades correlatas à prostituição são criminalizadas pelo código penal, mas a prostituição em si não constitui um crime. (RODRIGUES, 2003). Legitimamente, portanto, muitas das prostitutas organizam-se com vistas a reivindicação de direitos referentes à prostituição e também ao direito pelo acesso a cidadania em outros âmbitos a despeito de serem prostitutas.

No contexto internacional, as primeiras manifestações públicas pelos direitos e deveres das profissionais do sexo<sup>9</sup> aconteceram em 1973, em São Francisco (EUA) por iniciativa da ativista Margo St. James numa organização denominada Coyote.

No Brasil, a reivindicação de direitos trabalhistas e pela categorização da atividade como profissão iniciou em São Paulo a partir do movimento de prostitutas em 1979 e estendeu-se, no decorrer dos anos, para outros municípios do país. Organizações e associações foram criadas em prol da causa em diversas capitais<sup>10</sup>, mas não se pode

---

<sup>9</sup> Elegi, para designar as mulheres de minha pesquisa, o termo *prostitutas* por entender que ele ilustra bem a gama de significações contidas nas relações do universo da prostituição e fora dele bem como do estigma contido no próprio termo. *Profissionais do sexo* é, sem dúvida, um termo importante para ser utilizado durante o ativismo político quando é o caso, pois remete a categorização profissional, os valores de cidadania e a respeito que as mulheres buscam enquanto ativistas.

<sup>10</sup> Para citar algumas das quais se tem conhecimento: Associação da Vila Mimosa, fundada no Rio de Janeiro em 1988; o Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central (Gempac) fundado em 1990 no Belém do Pará; A Associação Sergipana de Prostitutas (ASP) fundada em 1990 em Aracajú; O Núcleo de Estudos em Prostituição (NEP) fundado em 1993 na cidade de Porto Alegre e, a Da Vida – Prostituição, Direitos Civis, Saúde, fundado em 1992 no Rio de Janeiro.

afirmar que o interesse na legalização da atividade e na própria mobilização pelas causas trabalhistas sejam de interesse consensual das prostitutas.

A regulamentação da atividade é de interesse de alguns grupos de prostitutas ativistas e, neste sentido, a conquista obtida pela categoria foi a inclusão da prostituição na nova Classificação Brasileira de Ocupações.

Quanto ao estatuto legal da prostituição, as últimas discussões no Plenário da Câmara Federal tiveram início quando da apreciação do Projeto de Lei do Deputado, então filiado ao Partido dos Trabalhadores, Fernando Gabeira. Esta proposta é sobre a “*exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e suprime os arts. 228,229 e 231 do Código Penal*” (Brasil. Câmara..., 2003, p. 1).<sup>11</sup>

Num contexto nacional de mobilizações das prostitutas, conforme relatado em diversas pesquisas sobre a temática, no município de Santa Maria as prostitutas vivem outro momento, ou então, vivenciam outros interesses.

Em Santa Maria as prostitutas não têm qualquer vínculo com ONG's ou participação em movimentos de prostitutas. As entrevistadas dizem não ter vontade de manifestarem-se pela legalização da prostituição ou pelo reconhecimento da atividade. Elas dizem querer respeito pelo que fazem e consideram-se discriminadas em algumas situações, mas, afirmam não ter interesse em participar de qualquer campanha pela categorização da atividade como prostituição ou mesmo em inserir-se no ativismo das prostitutas.

“Acho interessante essa lei ser aprovada porque tem muita mulher doente que não tem o que fazer mais porque não tinha segurança nenhuma, é bom assinar carteira, mas eu mesma não quero ter *prostituta* na carteira”, diz Lucimar, uma mulher de porte pequeno, corpo magro e baixa estatura, cabelos escuros e curtos, roupas não decotadas nem curtas e sapatos sem salto.

“Não gostaria dessa lei, não tenho nada contra, mas eu não deixaria isso na minha carteira (de trabalho). Podem dizer que não, mas em outros lugares que tu for trabalhar vão olhar ali: *prostituta* e aí, vão pensar o que? Não, essa aqui não pode trabalhar aqui não, é mulher da vida” (Franciele)

---

<sup>11</sup> O artigo 228 do Código Penal define como crime o favorecimento de alguém à prostituição ou o impedimento para que alguém a abandone. O artigo 229 tipifica como crime a manutenção de casas de prostituição ou de lugares destinados a encontros. E o artigo 231 define que a promoção ou facilitação da entrada ou saída de mulheres do território nacional para prostituição constitui-se no crime de “tráfico de mulheres”.

Essas falas, entre outras, sinalizam uma indiferença em relação ao projeto de lei sobre a regulamentação da atividade e em relação ao ativismo que algumas prostitutas em outros lugares assumem com vistas à busca de objetivos comuns para a categoria. Transparece um sentimento de que a lei não é cabível para elas, mesmo que para alguém possa ser útil.

As prostitutas nesses bares de Santa Maria não se voltam para a formação de uma categoria com objetivos políticos. Elas falam muito em batalhar, mas a batalha delas aqui não contempla as lutas pelo reconhecimento da atividade como uma profissão ou a busca pela formação de uma classe mobilizada. Batalha é um termo êmico que designa o programa feito entre uma prostituta e o cliente, no qual há uma troca de serviços sexuais da parte dela por algum bem da parte dele (no geral, dinheiro).

O desempenho da batalha se dá nos mesmos bares em que, em outros momentos, elas encontram amigos, levam filhos, bebem e divertem-se. A batalha não é necessariamente uma diversão, a própria conotação bélica do termo demonstra isso. Porém, nesses mesmos espaços onde a batalha se estabelece, também se constroem outros tipos de relações com caráter nem tanto profissional.

“O ambiente de amizade que tenho aqui é bom, não quero ficar aqui pra sempre, mas quando eu sair vou continuar vindo para ver as meninas, os amigos que fiz. Eu trabalho aqui durante toda a semana e no final de semana quero descansar, então pego meus filhos sábado de tarde e venho só pra passear” (Franciele)

Os bares são designados nas falas como lugares que as prostitutas freqüentam como espaços de lazer também. O trabalho no bar muitas vezes é apontado como algo que não é bom, que tem problemas, mas o ambiente propicia, além disso, um espaço para descansar, trazer os filhos, ver os amigos.

Os bares onde as mulheres prostituem-se não se restringem a espaços para a efetivação de programas. A prostituição aqui, parece abranger trocas de diferentes caracteres.

“Hoje vim aqui só pra beber, não tô a trabalho, não tá vendo, véio?” foi uma frase pronunciada por Paula durante uma observação em campo quando abordada por um homem no estabelecimento.

Às vezes elas estão no bar para a batalha, às vezes por lazer e, às vezes ambos. Elas não estão com interesse em mobilização política, mas também não parecem se esconder da classificação de prostitutas. Assumem-se assim, no geral, para suas famílias

e outras pessoas com quem se relacionam, mas não utilizam-se dessa condição para reivindicar “direitos das prostitutas”.

Quando indagadas sobre o que se imaginam fazendo futuramente, nenhuma se imagina na prostituição. Todas elas, desde a mais jovem (20 anos) até a mais velha delas (51 anos) vislumbram um futuro longe da prostituição.

Se a prostituição é, atualmente, para essas mulheres, a principal fonte de renda e levando em conta que elas não se consideram interessadas na categorização ou no reconhecimento da prostituição, como é este futuro longe da prostituição em termos de situação financeira (o motivo justificado por elas para estar na prostituição)?

A carteira assinada poderia lhes assegurar uma renda futuramente, fruto de aposentadoria, além do que, estariam amparadas pelos direitos trabalhistas. Ainda assim este não parece ser um atrativo para que estas mulheres queiram a profissionalização da prostituição.

Quando descrevem seu futuro sonhado ou pretendido, as entrevistadas falam de um homem que as tire dali, um casamento ou uma vida junto com um companheiro. Por outro lado, em diversos momentos elas mostram-se satisfeitas pela sua capacidade em sustentar-se e, em grande parte dos casos, sustentar a família também.

A autonomia que lhes é conferida pela prostituição produz satisfação que não deixa de ser relatada em inúmeras falas: “Preconceito a gente sabe que sempre tem, as pessoas não acham muito bom andar com uma mulher que faz programa, prostituta mesmo, né, umas nem querem saber de ser amigas, mas eu? Eu não to nem aí, pago minhas contas e não tenho porque esconder o que eu faço. O dinheiro que ganho aqui é o que me dá comida de todo o dia, comida pra minha família, uma casa pra eles e tudo o que precisam, porque eu nunca deixei faltar nada em casa, eu sempre trabalhei aqui e tive meu próprio dinheiro)” conta Paula.

Certa vez encontrei uma das prostitutas fora do bar de prostituição, ela estava voltando das compras que havia feito à tarde e, ao me encontrar fez questão de me mostrar as aquisições que o dinheiro do seu trabalho lhe possibilitara. Ela tirou da sacola, muito orgulhosamente, o material escolar que comprou para os 3 filhos.

A condição de trabalhadora é propiciada pela prostituição. Estar trabalhando e ser a provedora do lar ou então, uma grande responsável pelo sustento da família é uma situação que proporciona um sentimento de independência e, em certos momentos é motivo de satisfação e orgulho para as mulheres entrevistadas aqui.

Neste sentido vêem-se mulheres prostitutas empoderadas e insubmissas, que falam sobre sua sexualidade e sobre o sexo e o corpo como instrumentos de trabalho, consonantes com o período de “scientia sexualis” de que fala Foucault.

Por outro lado, elas almejam um casamento, sonham com um homem que lhes “tire da vida”, permitindo-se, desse modo, inclusive não planejar suas vidas econômicas a longo prazo. Neste aspecto, os discursos aparecem centrados numa ética patriarcal.

Não há, portanto, fixidez de comportamentos de gênero, as práticas das prostitutas deste estudo dialogam com as colocações de Piscitelli a respeito da ambigüidade existente em termos de relações de poder. Se, por um lado, as prostitutas representam autonomia sexual e, portanto, uma quebra com valores patriarcais, por outro, reproduzem o ideal da família androcêntrica em que o homem tem papel fundamental em salvar a mulher da vida devassa que leva.

Os discursos das prostitutas fazem lembrar Ortner (2006) e sua descrição das mulheres nos contos infantis, em que a mulher heroína é sempre passiva, é sempre salva pelo homem-herói-ativo. Tradicionalmente, há uma associação do protagonismo de mulheres com a passividade, ao que a autora exemplifica com interpretações de contos de fadas, onde é nítido, em todos os casos, o vínculo entre homens e atividade bem como de mulheres com passividade. As personagens femininas, focalizadas na análise da autora, quando protagonistas são as chamadas “mocinhas”, são princesas ou “heroínas vítimas” que não tomam iniciativas, são sempre defendidas por outro personagem representado por uma figura masculina.

Quando há personagens femininas ativas, estas sempre são as antagonistas da estória, são más e não têm um final feliz. A interpretação para tal fenômeno dos contos embasados na vida real é que a moral da história ensina a mulher a pôr-se no lugar que lhe é devido conforme o comportamento inativo designado às mulheres e associado ao feminino.

São elucidativos os casos descritos por Ortner por elucidar o quanto a insubordinação, a não passividade e a postura ativa são negadas às mulheres porque estão associadas à imoralidade quando presentes no comportamento feminino. Para os homens a situação é a inversa, no universo masculino não somente são ultra-valorizados os homens ativos como são depreciados os que não o são.

Existe, portanto, uma idéia de imoralidade fortemente acoplada a determinados comportamentos para as mulheres. Não são bem aceitas posturas femininas mais ativas

e não é permitido um livre trânsito em qualquer espaço para as mulheres que subvertem esses padrões.

No caso das prostitutas, a restrição dos espaços é sentida de forma bastante contundente. Ana, 28 anos, conta, quando indagada se já sofreu alguma situação de violência: “Em casa sim, aqui (no bar) nunca tive problema. Os caras às vezes vem aqui e pensam que a gente faz tudo, quando vêem que não vão embora, na boa, fora daqui não sei como é que seria, né?!”

Roselaine, 38 anos, reitera a diferenciação dos espaços quando afirma: “ Já sofri violência na rua, por isso vim pro bar.” Bem como Lucimara, 40anos, ao afirmar: “Na zona te acolhem de braços abertos, aqui tenho amigas e tem muito homem legal”.

Franciele fala da sua própria iniciativa em ter comportamento diferenciado no bar onde trabalha e na região onde mora ou no prédio onde tem vizinhos que estão cientes de sua atividade profissional : “lá onde moro, na rua (...) todo mundo sabe onde eu trabalho, mas eu não converso com ninguém, até para evitar qualquer coisa, todo mundo é casado por lá, é melhor nem dar conversa”.

O conteúdo dessas falas simboliza que a prostituição comporta diversas possibilidades de trocas e não necessariamente as trocas de serviços sexuais por valores monetários. Além disso, transparece uma organização dos espaços desenvolvida pelas próprias mulheres. Elas diferem o ambiente da prostituição do ambiente doméstico, sendo que no primeiro elas têm acesso a relações de amizade, momentos de lazer e também é onde têm sua fonte de renda. Os bares são seu ambiente de trabalho, e o trabalho não é uma panacéia, mas foi uma primeira condição de independentização da mulher (BEAUVOIR, 1985).

O fato da prostituição ser um trabalho para a mulher, e, até onde se tem informação, ser muito antigo, pode ser um primeiro elemento do preconceito voltado às prostitutas. Se hoje as mulheres têm muito maior abertura no mercado de trabalho, é necessário entender que nem sempre foi assim e as conquistas nesse campo foram fundamentais para a revisão dos papéis de gênero. Sem dúvida, permanecem ainda limites em relação às mulheres no trabalho, e este pode ser um fator a mais no que tange aos preconceitos sofridos pelas prostitutas.

A despeito da ampliação do debate em torno da igualdade de direitos propiciada pelo movimento feminista, perduram as desigualdades de gênero, agora sob novas roupagens, mas mantidas pelo sistema patriarcal. A abertura do mercado de trabalho, por exemplo, foi significativa, mas não significa, de modo algum, a falência deste



sistema em que as mulheres sofrem impactos mais árduos do que os homens, embora seus efeitos incidam sobre todos.

Têm-se implicados, portanto, no fenômeno social da prostituição, ao menos três elementos que, no sistema patriarcal, ainda são tabus e atravessam uma fase de questionamentos e revisões. A desigualdade de gênero no que diz respeito aos comportamentos atribuídos e permitidos às mulheres, a sexualidade das mulheres sob vigilância constante e as desigualdades dos papéis sexuais no âmbito do profissional, onde o homem arrisca-se a competir com a mulher em termos de assalariamento e consequente provimento do lar.

A sexualidade, neste momento, pode ser um meio de emancipação da mulher (GIDDENS, 1979) e pensar a prostituição feminina é um meio de enxergar estes três fatores supracitados de forma interdependente, pois inegáveis são suas conexões.

### **Da necessidade para a escolha**

*“E as viúvas sem porvir  
Ela é um poço de bondade  
E é por isso que a cidade  
Vive sempre a repetir*

*Joga pedra na Geni  
Joga pedra na Geni  
Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá pra qualquer um  
Maldita Geni” (Buarque, 1978)*

À primeira vista, é muito fácil se atribuir a inserção da mulher na atividade da prostituição a partir da justificativa econômica, de modo a vincular diretamente a situação da mulher pobre com a necessidade de prostituir-se. Tal justificativa substitui, em grande parte, a tradicionalmente utilizada de que a mulher prostitui-se por “sem-vergonhice”. É como se fosse menos preconceituoso ou menos reducionista apontar um novo argumento para o exercício da atividade.

No caso da presente pesquisa, em que, para fins de metodologia, fiz um recorte de mulheres pertencentes a segmentos sócio-econômicos menos favorecidos, é bastante tentador que se estabeleça uma ligação direta entre os fins econômicos, quais sejam, a obtenção de recursos financeiros para auto-sustento ou sustento da família e a manutenção financeira do lar com a entrada da mulher responsável por esse provimento financeiro do qual se fala na prostituição.

O objetivo desta opção é refletir sobre o que transcende o aspecto econômico na escolha das mulheres pela prostituição. Esta é a justificativa das entrevistadas, elas afirmam que o fator financeiro as fez tornar-se prostitutas, mas, o fato de a prostituição ser algo possível no seu universo de possibilidades é que instiga reflexões. Tal fato remete à idéia de que seu universo de possibilidades está relacionado à inteligibilidade de gênero para si.

Nas entrevistas essa justificativa se faz muito presente, as mulheres falam muito sobre a “necessidade” de se prostituir. É preciso não ignorar os estereótipos da prostituta que levam à vitimização como uma saída possível para não ser tachada de mulher que vende relações sexuais por pura safadeza. Neste sentido, argumentos como o de Roselaine, 38 anos, que ingressou na prostituição aos 17, reforçam a incorporação do papel de vítima em que são colocadas essas mulheres. “A necessidade me fez fazer programas, depois de 3 anos separada fui cuidar de idosos e a precisão me fez procurar a prostituição. Todos sabem da onde eu tiro o dinheiro para sustentar meus filhos mas ninguém me julga porque sou boa mãe, cuido do meu pai idoso”.

Do mesmo modo Lisa conta: “Me vi obrigada a sair pra noite quando me separei do marido. No começo eu ficava muito nervosa, mas depois acostuma. É que ninguém na minha família ajuda, mas eu escolhi vir pra cá pro bar”.

Por outro lado, elas mesmas admitem ter escolhido a atividade, a despeito de afirmar, em todos os casos, em algum momento de suas falas, terem sido levadas até a prostituição por necessidade. O que é visível no depoimento acima descrito, onde Lisa justifica sua estada na prostituição por necessidade econômica, mas também revela sua escolha em ser prostituta.

O empoderamento dessas mulheres, portanto, está imbricado, sim, no exercício da atividade referida na medida em que a “escolha” está presente. As mulheres prostituem-se porque optaram o fazer, mesmo que considerem este um meio para um fim muito claro, o de obter recursos econômicos. Este fim não é sustentável isoladamente, haja vista que algumas mulheres pobres ou que necessitam de dinheiro

optam por estes meios. Caso contrário, toda e qualquer mulher o faria, bastando passar por uma situação de necessidades financeiras.

Cabe, para ampliar a teorização, elucidar acerca do empoderamento a partir da teoria da agência (ORTNER, 2006). Agência é uma capacidade inerente a todos os seres humanos, mas não é inerente porque natural, pelo contrário, ela é cultural e historicamente construída. Todos os seres humanos têm capacidade de agência, variável conforme as circunstâncias, de acordo com o tempo e o lugar, de modo que não é universal, dadas as distinções entre os desejos de cada pessoa e os diferentes mundos sociais aos quais pertencem. Mas, esta capacidade não deve pressupor intencionalidade “consciente” como central no ato, pois a intencionalidade na agência não é totalmente “consciente”, na medida em que é fundada numa construção. Logo, a agência é diferenciada das práticas de rotina, àquelas que se dão sem reflexividade, pois aqui a intervenção é baseada no que se tem em mente ou na alma.

O entendimento da agência aponta sua relação absolutamente estreita com a idéia de poder, no sentido em que pressupõe capacidade de afetar a vida de cada um e competência para propor transformações, portanto, as assimetrias de poder não podem ser relegadas. (GIDDENS, 1979). Quanto a esta capacidade transformadora, é preciso ressaltar que esta é uma das possibilidades de operacionalização do poder, mas não é a única dimensão desta. Então, todos estão imersos em estruturas nas quais, a partir da agência, se pode flexibilizar, pois as estruturas existem, mas não são fixas. Tal afirmação não remete, de modo algum, à liberdade total do ator nas suas ações. Há restrições, afinal, os atores estão inseridos em redes de relações sociais e, conforme já apontado, a agência possui a característica de ser construída historicamente e mantida cultural e socialmente.

Sendo a agência uma propriedade dos indivíduos construída culturalmente em termos de gênero, classe, idade, entre outros, ela pressupõe indivíduos diferencialmente empoderados. Para Ortner, a agência tem dois campos de significados: poder e projeto. A agência de poder está associada à dominação e resistência e a agência de projeto relaciona-se às intenções, se dá nas *margens do poder*. Na prática, ambos os tipos se articulam e possibilitam a transformação da vida social, pois o exercício de projetos proporciona poder aos indivíduos. Em termos de gênero os sujeitos feminino e masculino, pertencentes a uma estrutura relacional, empoderam-se conforme a cena de interação social. Cada interação social é constituída por atores representando seus respectivos papéis. As representações, tantas vezes, têm um peso tão forte que obstruem

a realidade de trânsito das hierarquias entre o masculino e o feminino. Na prática, tem-se estruturas nas quais todos estão inseridos, mas há espaço para a circulação de poder conforme a relação. Gênero, este registro no qual cada ser se coloca ao inserir-se numa trama de relações, traz impresso também uma ordem hierárquica que é variante de acordo com a cena social.

Masculino e feminino são representações e, por isso, carregam uma teia de significados, porém, as posições de um e de outro são móveis e relativas, variando segundo a rede de interações estabelecidas.

Haraway (1995) compactua com esta compreensão de gênero ao considerar o sujeito como um ser de múltiplos significados, podendo pertencer a diferentes esferas. Assim ocorre porque os sujeitos posicionam-se de modo variável conforme a situação pela qual passam. Os saberes são “localizados” e atribuem ao objeto de conhecimento a condição de ator ao invés de passivo. Há fluidez nas posições dos sujeitos, pois suas identidades variam conforme o momento pelo qual passam. O conceito de identidade é pensado à luz de Maffesoli (1996), onde o autor teoriza sobre as diversas facetas encarnadas por um mesmo indivíduo em diferentes ocasiões. Identidades abarcam as múltiplas máscaras usadas pelo mesmo sujeito, variante de acordo com a interação social. O “real” sobre um indivíduo é polissêmico, adquire diferentes conotações adaptadas à identidade assumida, havendo muitas à sua disposição. A multiplicidade de sentidos estende-se a todos os aspectos das identidades do indivíduo, mesmo os relativos a gênero.

## CONSTRUÇÕES DE GÊNERO

### Performances generificadas e poder nômade

*“São as práticas do poder instituído numa sociedade que pretendem fixar o corpo a um atributo incorporal, congelá-lo numa máscara que melhor sirva aos interesses dominantes, capturando assim a vida, separando-a do que ela pode”*  
(FUGANTI, 2008 )

Minhas observações no contexto desta pesquisa apontam para o caráter de fluidez existente nas construções de gênero dentre as mulheres nos bares de prostituição. As relações que as prostitutas estabelecem ilustram a maleabilidade das significações para cada gênero, bem como a maleabilidade da dominação nessas relações. Esta afirmação contesta as inúmeras tentativas de classificar a prostituição como emblemática da dominação masculina ou, no contraponto, como fruto da liberação feminina das amarras do masculino como fizeram muitos teóricos do pensamento feminista radical e do pensamento feminista liberal, respectivamente. A prostituição não deve ser vista, portanto, como um fenômeno exótico isolado, mas sim à luz de um conjunto social (OLIVAR, 2007). Neste caso, vejo a prostituição num conjunto que engloba trocas, relações de trabalho, sexualidade e relações de gênero, entre outros.

O pensamento feminista radical vigorou durante bastante tempo fundamentando-se a existência de relação causa e consequência entre a dominação da mulher pelo homem com a prostituição. Este ponto de vista sugere uma causalidade entre a prostituição da mulher com sua submissão, supondo, para tanto, que a mulher vende seu corpo. A utilização da atividade é, para os filiados a esta linha de pensamento, um recurso de sobrevivência (RAYMOND, 2003) e qualquer transação que envolva, ao mesmo tempo, sexo e dinheiro é danosa para a mulher (PASINI, 2005).

Nesta perspectiva há a compreensão de que a prostituição pressupõe necessariamente o prazer para o homem, e somente para ele. Ancorado na idéia de que o homem possui uma necessidade inata para o sexo, reduz a mulher ao lugar de sua subserviente. Teóricos feministas radicais, pelas razões já descritas, são abolicionistas em relação à prostituição.

No cenário visto pelas feministas radicais, quando a prostituição é vista de modo não-problemático, simboliza uma reafirmação da dominação masculina às conquistas do feminismo ou como uma compensação do enfraquecimento do poder econômico masculino na esfera pública pós-industrial. (BERNSTEIN,2008). O cliente homem tem, na prostituição, a compensação para suas perdas do cotidiano de modo que o sexo comercial lhe atribuiria poder sobre as mulheres e uma posição de gênero privilegiada.

Uma segunda perspectiva de abordagem feminista corresponde às feministas liberais que, em relação à prostituição são chamadas de contratualistas. Esta compreensão supõe que a atividade referida é um trabalho, afinal resulta de um contrato estabelecido entre duas partes, em que o homem compra, com pagamento em dinheiro (ou outro bem), um período de tempo da mulher. Esta, em contrapartida, lhe oferece serviços sexuais que consistem em práticas variadas.

Meu trabalho de campo mostra que há tipos diferenciados de prostituição e que cada tipo abarca práticas diferenciadas. O “produto” que se vende não é padronizado pois consiste num “tempo” vendido pela mulher, tempo este que será traduzido em alguma prática sexual, realização de fantasias eróticas, conversas, companhia para tomar alguma bebida ou - em casos mais raros nestes ambientes - para dançar.

Considerando que o tempo que a prostituta dispõe para o cliente não será revertido, necessariamente, em serviços sexuais, é importante ressaltar que as justificativas comumente utilizadas pela linha feminista radical em relação à prostituição aqui não cabem.

Há um mosaico de relações interpessoais sendo delineados durante os contatos da prostituta com o cliente. Relações que sugerem fluidez nos papéis de gênero e flexibilidade para os conceitos de dominação que polarizam os sujeitos dominante e dominado.

A exploração do corpo da mulher que se dispõe à prostituição não é uma regra para o que ocorre nesses bares. Ao descreverem situações de violência sofrida em algum momento das suas vidas as entrevistadas não citam ocorrências durante a *batalha*. Certamente é relevante considerar o quanto relativo e complexo é o conceito de violência, porém, o fundamental aqui é a compreensão de que, seja o que for violência para cada uma dessas mulheres, não é fenômeno corrente nos locais onde essas mulheres se prostituem.

Ao obter respostas que remetem a situações de suas vidas não associadas à prostituição é reforçada a idéia de que as prostitutas não vinculam diretamente o

exercício da prostituição com sentimentos de desagrado, insatisfação. Do contrário, a afirmação de que o bar lhes proporciona momentos vinculados a prazer, a descanso, ao lazer costuma ser recorrente. Lembro da Franciele contando que aos sábados leva os filhos para passear no bar, ou então da Lucimar descrevendo os bares como lugares mais seguros para se estar ou mesmo da visita de uma ex-prostituta em ocasião de minhas idas a campo. Márcia, ex-prostituta me contou que não ficava muito tempo sem ir ao bar porque é lá que estão suas amigas, *ex-colegas de batalha* (nas suas palavras) e os amigos, ex-clientes.

Se o discurso inicial sobre *cair nessa vida* aponta para a pobreza, percebi que mesmo não precisando ir para ganhar dinheiro elas vão ao bar. Ainda, se ganhar dinheiro é o objetivo único das idas ao bar, sua permanência ali não é motivada unicamente pelo objetivo financeiro.

As trocas estabelecidas nos bares de prostituição não se restringem à permuta econômica na medida em que outros tipos de relações se delineiam. São comuns os enlances amistosos não somente com *as colegas de batalha*, mas também com os clientes.

O *já estou acostumada a trabalhar aqui* parece explicar sobre o “estar a vontade” das prostitutas no habitat da *batalha*. Os desprazeres da batalha não são escondidos nas entrevistas e nas conversas, já os prazeres são percebidos de modo mais sutil.

As representações das próprias prostitutas a respeito de si correspondem, em muitos aspectos, à uma projeção das representações do imaginário social. As respostas de “defensiva” das prostitutas para justificar a atividade são pertinentes a essas representações.

São sintomáticas do preconceito de gênero as desculpas para a permanência das entrevistadas na prostituição em que elas assumem um papel de vítimas da situação. A desculpa do retorno financeiro, neste caso sempre presente, carrega um significado maior do que o que está, aparentemente, expresso nas falas.

Um significado bastante plausível refere-se ao preconceito de gênero vigente na sociedade que coloca a mulher prostituta numa condição de desviante. As próprias prostitutas compartilham dessas representações.

“Eu sei o que pensam da gente aqui, que é mulher sem família, sem dignidade que cai nessa vida. Não é o meu caso e nem o caso das colegas que conheço nesse bar. Tô aqui por causa que eu tenho família sim e porque eu preciso dar o que comer pra

eles. Ser mulher da prostituição é pelo dinheiro e não por safadeza, sei bem disso” (Lucimar).

“Tem mulher que é puta mesmo, que gosta de dar e por isso vem pro bar, agora, tem mulher que precisa de dim-dim e daí é o que resta. Eu venho pra ganhar o meu e é assim que pago meu aluguel, ponho comida na mesa todos os dias, pago minhas contas e não devo nada pra ninguém” (Franciele)

Uma desigualdade de gênero é visível a partir dessas considerações, no entanto, a quebra de padrões de gênero na vida dessas mulheres não deve ser ignorada. As mesmas falas que condenam a prostituição que não se justificaria economicamente, também expressam a satisfação que determinados momentos no espaço de prostituição lhes proporcionam. As suas falas transmitem, de forma conveniente, a idéia de que são vítimas mais do que transgressoras. A imagem de vítima que sobrepõe-se a de desviante no conteúdo das entrevistas parece não transcender o âmbito do discurso e ocorre porque as pressões socioculturais que incidem sobre as trabalhadoras sexuais as desvalorizam enquanto mulher porque as coloca em oposição às mulheres corretas (JULIANO, 2005).

Isto significa que a representação da mulher prostituta no imaginário social do grupo de mulheres prostitutas é a de vítima da sociedade em determinados cenários mas, em outros, assume uma conotação de certo poder. Para essa afirmação levo em consideração Durkheim (1987) onde o conceito de representação se refere a um sistema de práticas de natureza social e não individual.

“as representações coletivas traduzem é a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam. Ora, o grupo está constituído de maneira diferente do indivíduo, e as coisas que o afetam são de outra natureza. Representações que não exprimem nem os mesmos sujeitos, nem os mesmos objetos, não poderiam depender das mesmas causas”. (DURKHEIM, 1987, p. 26).

Completando a compreensão de Durkheim, Mauss (1979) não nega o sentimento individual, mas destaca que é social e simbólico, traduzindo representações coletivas.

Da mesma forma, Goffman, além de realçar o aspecto social das representações, descreve as situações em que elas são percebidas como algo consensual entre os todos os atores envolvidos na trama, onde cada um assume seu papel como num acordo tácito.



Parece estar tacitamente acordado que a prostituta tem uma história de vida pregressa triste a contar para quem quiser saber como esta foi parar naquele lugar e naquela atividade. Enquanto pesquisadora, eu estava na condição de ator que desempenha o papel de escutar tal história.

Não se trata de conceber as representações como falsas, muito pelo contrário, elas formam a realidade, uma realidade constituída na interpretação de papéis sociais. O que chama a atenção para a conclusão de que o patriarcado ainda vige é o fato de que as representações de gênero estão conectadas com ideários de submissão da mulher. O discurso da prostituta vítima reforça isso, porém, seria precipitado acreditar que a condição expressa pela entrevistada classifique, por si só a mulher que pratica a prostituição como uma vítima das injustiças sociais aliadas às desigualdades de gênero. Afinal, ainda que os relatos dessas mulheres apontem para a entrada na prostituição por falta de opção na vida, nas conversas mais informais e, em outros momentos das entrevistas elas contaram sobre o exercício de constituir a si mesmas, controlar suas próprias atividades e serem responsáveis pelo que fazem. Tais características descrevem a agência para os adeptos da perspectiva feminista liberal (VENSON, 2009), contudo, esta autonomia não é visível em todas as relações.

Nos programas há submissão da mulher ao retorno material que irão receber, mas também há uma boa aceitação por parte delas de um outro tipo de retorno, o afetivo. Há também romances e perspectivas de que estes aconteçam de modo a ilustrar a presença de elementos do amor romântico (GIDDENS, 1993), mas com outra configuração. O amor romântico é fundado no casamento e a mulher tem caráter definidor da relação exercendo a domesticidade, a maternidade e a assexualidade. Na prostituição também podem constar resquícios do amor romântico, seja pela vontade de casar, seja pelo exercício da maternidade bastante presente neste universo. Certamente são resquícios e não uma definição de que a idéia do amor romântico está inteiramente presente porque a simples concepção de sexo pago, não compromisso (ao menos não explícito) e multiplicidade de parceiros já referencia as relações da prostituta com os clientes aproximadas do amor confluyente (Ibdem, 1993).

O diferencial deste universo, neste contexto, em relação ao tipo de amor (pensando na classificação temporal de Giddens) possível na prostituição é que, se as prostitutas foram, no século passado, consideradas componentes do casamento, aqui e agora elas exercem, em determinados momentos, um comportamento que as coloca em outro lugar.

No casamento burguês tem-se a esposa, o marido e as prostitutas servem para os homens “dar vazão” aos desejos contidos não passíveis de serem satisfeitos com a esposa assexuada (para alguns casamentos, sem generalizações, mas não entrarei neste pormenor na medida em que meu interesse aqui está no papel da prostituta nessas relações).

Na era do amor confluyente observo uma prostituta reconfigurada, uma mulher que compõe as relações, muitas vezes os casamentos, mas que não estão só para o homem dar vazão aos seus impulsos sexuais.

Como já foi dito, trabalho com a idéia de que o homem não está para o sexo assim como a mulher está para a afetividade, pois, as relações de gênero transcendem os aspectos biológicos. Idéia esta que traz uma prostituta não somente para o homem complementar seu casamento, mas uma prostituta também para ser esposa. Esta mulher que é também uma prostituta (e não somente) mantém relações em que o sexo está atravessado pela afetividade, pelo dinheiro, pelo amor, pela necessidade.

A forma como essas mulheres constróem as conexões entre estes elementos deve ser pensada além dos parâmetros delas próprias, com rastros do amor confluyente reinante (segundo Giddens) e também do amor romântico.

O diálogo entre as construções elaboradas pelas mulheres em questão traduz as construções de gênero que essas mulheres têm. Com um caráter de maleabilidade entre as posições de dominante e de dominada, descrevo as relações de gênero dentre as prostitutas dessa pesquisa como detentoras de autonomia e, até certo ponto, empoderadas.

A despeito de serem prostitutas porque a necessidade econômica assim lhes impôs, também o são porque a prostituição foi encarada por elas como atividade possível. Tal questão colabora para reflexão sobre as construções de feminilidades (e, por consequência, de masculinidades) no universo da prostituição.

Butler (2001) propõe uma noção de identidade de gênero não estática, mas em constante processo de construção. São as performances que formulam as identidades nos corpos e operacionalizam a sexualização dos sujeitos.

Nos bares de prostituição pesquisados aqui, as performances das mulheres refletem uma construção de gênero pautada nas representações sociais que se têm da prostituição, conforme relatado nas falas delas próprias.

Acontece que, considerando essas mulheres não somente prostitutas por desempenhar outros papéis na vida, elas enquadram-se em outras construções de gênero também, correspondendo à idéia de fluidez das construções dessas relações.

Um conceito de gênero fluido é um sistema relacional que, na prostituição, se estabelece para além do programa e produz definições de masculinidades e feminilidades construídas no interior das significações da vida das pessoas envolvidas.

As interações sociais produzem as relações de gênero (CONNEL, 1995), isto é, as ordenações sociais estão na origem dos comportamentos das pessoas. O comportamento de cada um está vinculado aos formatos que delineiam como condizente com sua condição. As noções que as prostitutas elaboram sobre como ser mulher prostituta, por exemplo, definem seu comportamento de modo diferenciado do que sobre como ser mulher não prostituta.

Assim, os sujeitos autorizam-se a determinadas práticas pertinentes a posição que ocupam no mundo. Os papéis são estruturados conforme normas sociais aceitas e legitimadas, mas, isso não quer dizer que sejam papéis fixos ou que não haja espaço para a subversão.

Dado que os papéis desempenhados por cada sujeito são múltiplos, as posições de gênero também o são e, por isso, muitas vezes são contraditórias. Os espaços de maior contradição no caso das prostitutas parecem estar centrados fortemente nos seus corpos, ou melhor, nas suas práticas corporais. A conexão existente entre o dinheiro, o sexo e a condição de mulher (informada pela sua materialidade) leva à elaboração do ser feminino de modo particular para as prostitutas. Ainda assim, engloba outras elaborações referentes aos outros papéis que desempenham na vida.

As relações de gênero enquanto poder permeiam os encontros de homens e mulheres em qualquer situação social. No caso desses encontros acontecerem no cenário da prostituição, a implicação do corpo e da sexualidade dos sujeitos envolvidos nessas práticas é especialmente relevante.

Os mesmos corpos das prostitutas que fazem outras atividades que elas mesmas citaram, como a maternidade, os cuidados com o lar, as idas à boates, as idas à igreja, são os corpos que exercem a prostituição. Será a prostituição um exercício de sexualidade? Ou como um trabalho? Ou ambos?

Para pensar sobre sexualidade, Bozon reforça sua função elementar na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos, pois não revolucionou as relações de gênero e não alterou a estruturação binária das experiências de cada um, formada em

pares de oposição. As experiências sexuais são apreendidas e inscrevem lógicas sociais de interpretação (BOZON, 2004). Neste sentido, as práticas sexuais das prostitutas não estariam provocando nenhuma alteração na configuração dualista de organização sexual. Suas práticas causam instantes de inversão dos pólos, como será melhor debatido no decorrer do texto, mas os pólos continuam afastados e as lógicas de mundo distantes do ponto de equilíbrio entre ambos.

O pensamento humano classificado em feminino-masculino utiliza a categoria de gênero para diferenciação dos corpos sexuados, (PASINI, 2005). Essa categorização define as mulheres que se prostituem como seres femininos quando estão na prostituição da qual trato nesse trabalho, afinal, estou me referindo às mulheres que fazem programas em lugares onde os clientes são homens. Nesses lugares são os seres definidos como femininos que oferecem serviços sexuais e os seres definidos como masculinos os pagantes por tais serviços.

Segundo o entendimento de Scott (1960), as relações sociais fundadas sobre diferenças *percebidas* entre os sexos é que definem o gênero. Portanto, há um corpo *a priori*, mas a definição entre masculino e feminino ocorre no âmbito das articulações entre mulheres e homens e nas articulações sobre sexualidade.

Num sistema patriarcal, que é o caso, as articulações apontam para um ser feminino subalterno. Desse modo podem ser justificadas as “desculpas” correntes das prostitutas que passaram a fazer programas, em princípio, porque escolheram.

Em nenhum caso as prostitutas dessa pesquisa foram levadas aos bares por homens ou sentiram-se coagidas a fazer programas. Na ausência de um outro motivo que as vitimize, o econômico parece bastante plausível. O sujeito feminino aqui apresentado deve permanecer na inferioridade, demonstrando fragilidade para que ocorra como as heroínas das histórias que Ortner descreve, elas devem ser passivas e ser salvas por um homem herói.

A autonomia é impensada como justificativa porque não está elencada nas possibilidades de uma mulher. Por outro lado, as entrevistadas contam com muito orgulho sobre seu protagonismo junto ao sustento do lar, ou ao “comando” do lar como ocorre na maioria dos casos. Bem como, contam sobre atitudes e escolhas na vida pessoal e profissional que levam a pressupor a presença de agência nas vidas dessas mulheres, mesmo que não constantemente nem em todos os lugares pelos quais transitam.

As explicações ficam sempre enquadradas na inteligibilidade, para usar os termos de Butler. Pensando sobre o que é inteligível para a prostituta, elas respondem *aquilo que se espera* e corresponde às práticas dizíveis. É o discurso entendido como prática que determina os objetos, pois o discurso é a prática e aqui é compreendido como um dispositivo de poder, conforme a teoria foucaultiana.

Na leitura foucaultiana o que é dito comunica sobre as relações de poder que, por sua vez, dimensionam os fenômenos como o da prostituição. Mas, as relações de poder são reversíveis de modo que os atores dos quais emana o domínio sobre os outros são os mesmos atores sujeitos ao poder exercido pela parte dominante.

Dito isto, reforço que há uma estrutura chamada patriarcado referente ao momento histórico de dominação masculina. De forma alguma penso num patriarcado como universalização dessa dominação, pelo contrário, não o considero trans-histórico e sim um sistema de relações de gênero que vige neste momento no ocidente. Minha defesa, portanto, é de que tal estrutura ainda se mantém, porém, não é a única possível e, tampouco, um modelo no qual estamos encapsulados sem alternativa de saída.

No modelo patriarcal são sobre-salientes os discursos que o mantêm, contudo, nas margens do poder há espaço para o contra-poder que são outras formas de relações de gênero.

Nesta perspectiva, mesmo que alguns aspectos da prostituição possam ser descritos como uma forma de escravidão feminina, como querem as feministas radicais, é relevante levar em consideração que, sobre outros aspectos, a prostituição pode ser encarada como liberação da mulher.

Um motivo para esta afirmação é que a prostituição é um fenômeno social e, por isso, constitui-se de seres humanos envolvidos. Esses seres humanos, por sua vez, estão envolvidos em outras tramas além dessa. Sendo assim, as prostitutas, dentro de alguns contextos sociais, operam como agentes de suas histórias mesmo que, em outros, reforcem um ideal de mulher subjugada conforme demonstrado em seus discursos.

O entendimento da prostituição como um trabalho implica em autonomia para a mulher. É através do trabalho que muitas delas sentem-se livres da dependência de outros para o provimento financeiro. Além disso, a forma como é exercido esse trabalho é apontada como um exercício livre, em contraposição à idéia – mal vista – de rotina, de rigor nos horários, de vínculo com patrão. Em meu campo, onde as mulheres não possuem um cafetão, elas fazem seus horários de trabalho no bar, pensados conforme lhes é mais oportuno, dados que a experiência trouxe. Elas contam que os horários de

expediente, como metade da tarde, são os melhores para os programas que elas costumam fazer.

“Quem vem aqui é homem casado, todos não, mas é quase só casado que faz programa e que paga direitinho, dão as coisas que a gente pede. E tem outra, Carol, eles são os melhores, se relacionar com cara mais sério assim dá mais futuro, é bem melhor pro bolso e pra não se incomodar” (Cristina, 51 anos).

Cristina, uma mulher alta, morena de cabelos curtos e escuros, tem um jeito bastante direto de falar o que pensa. Discreta e gentil, não raro está com um cigarro entre os dedos e cuidando de alguns afazeres do bar, como conferir se a bebida está gelada. Cuidadosa com as suas colegas, Cristina se considera uma amiga mais velha e mais experiente.

Houve um processo de reflexão sobre a rotina de trabalho que Cristina iria criar a partir das suas experiências. Ela sabe que na metade da tarde é um horário bom de estar preparada para programas. Também sabe que é na segunda semana do mês que o movimento será mais intenso em função dos clientes terem recebido seus salários nesta época, assim como conta Paula:

“Final do mês pode saber que só dá bucha, os homens que vem não tem grana e não vão fazer programa e nem pagar nada pra ninguém aqui. Eles vêm se refestelando, mas eu já sei que daquele mato não sai cachorro, aí nem dô bola. Agora, virou o mês é outra história. (Paula, 29).

As prostitutas pensam sobre o seu processo de trabalho, do contrário não elaborariam táticas como as vi fazerem em relação “à caça” de um cliente novato que estava no balcão. Duas delas negociaram entre si, rapidamente, qual iria tomar cerveja com o novo no pedaço, como se referiram ao homem. Chegaram à conclusão a partir do compromisso que uma das duas teria dentro de pouco tempo com outro cliente. Aquela que não tinha compromisso foi oferecer-se para acompanhar o homem no bar a partir de um consenso entre elas.

A fala já citada, em que Cristina se refere a homem casado dar mais futuro e menos incomodação revela, além de um saber construído sobre as melhores formas de trabalhar, que também há vantagens em certos tipos de relacionamento e, mais do que isso, que há relacionamentos nos programas.

As prostitutas desta pesquisa são conhecidas por seus clientes pelo nome (no geral é utilizado o nome de guerra). Se os clientes sabem seus nomes e se elas

consideram bom ou ruim ter determinados tipos de clientes para se relacionar é mais um indício de que há outras trocas que não somente as sexuais.

A fala de Cristina mostra, ainda, que há interesse na constituição de uma relação, mas, que não é necessariamente uma relação conforme o amor romântico descrito por Giddens. Talvez uma relação enquadrada no amor confluyente, mas um amor confluyente não moldado no esquema burguês de matrimônio, pois ela refere-se a estar com alguém, mas é alguém já casado.

A vontade de casar, de conhecer um homem que as tire dessa vida, conforme descrição feita em momento anterior parece se referir a um modo diferente de relação monogâmica e/ou convencional. E o próprio “tirar da vida” tem sentidos múltiplos porque pode significar passar a fazer programas com um homem em detrimento de vários ou então pode significar deixar de fazer “programa” com determinado homem para passar a relacionar-se de outro modo com ele.

Quando indagada por mim sobre o que seria esse “tirar da vida” Cristina diz que se refere a ter um homem fixo e não precisar fazer programas com vários. O *não precisar* não significa *não poder* fazer, porque ela disse que isto só se faria às vezes e se necessário.

As falas de Cristina, bem como das demais entrevistadas, revelam sobre possíveis alternativas em sua vida sexual, afetiva, profissional ao mesmo tempo. É inteligível para as prostitutas a elaboração de uma vida profissional a partir de relações afetivas e sexuais estabelecidas com homens. Também é inteligível que seus discursos tragam a história de pobreza que as levou até a prostituição. As construções de gênero nesse universo se delineiam a partir da inteligibilidade no interior do universo onde a mulher mostra-se ativa em boa parte do tempo e mostra-se oprimida pelas condições em outras situações.

Discordo com a perspectiva estruturalista binária apontada como uma estrutura hierárquica anterior (tal qual Lévy-Strauss sugere). Os gêneros, na realidade, são transposições de uma ordem social hierárquica para a ordem empírica e não constituem o lugar da onde se parte para as organizações de poder numa dada sociedade. Pelo contrário, é a ordem patriarcal dominante que direciona a importância que irá se dar a estrutura biológica do corpo. Uma estrutura a qual não nego, simplesmente não compartilho da idéia de que esta estrutura deverá definir a história social do indivíduo.

Invertendo essa lógica, penso que as relações de gênero, existentes desde sempre nessa sociedade que está patriarcal, são organizadas simbolicamente segundo uma polarização do masculino e do feminino apontando lugares fixos para cada um.

A prostituta, na relação com o cliente, representa a parte feminina e, segundo essa ordem descrita, é a parte que deve ser subjugada. Suponho que quando os atores sociais envolvidos na relação reproduzem o discurso da desigualdade é porque assim lhes parece condizente. É neste sentido que as falas das prostitutas convergem para a depreciação de sua atividade, afinal, estão numa ideologia onde se apresentam lugares marcados pela anatomia. A anatomia da mulher, nesse sistema, prescreve um comportamento maternal, para o qual caem muito bem justificar o que se faz pelo bem da prole.

Não ver problemas em ganhar dinheiro em troca de serviços sexuais pode denegrir a imagem do feminino construída no patriarcado e, contraditoriamente, é algo revelado durante as observações nessa pesquisa. A leitura dos signos anatômicos, numa sociedade onde o gênero é um sistema de classificação elementar e anterior a diversos outros, posiciona a mulher para as práticas sexuais com fins reprodutivos e, em tempos de *scientia sexualis* (FOUCAULT, 1985) para o prazer vigiado e fundado no saber. Não contemplando as práticas sexuais pagas, as pessoas que o fazem, requerem bons argumentos.

Mesmo consonantes com um sistema de dominância masculina, como já foi afirmado, nas margens se pode atuar e visualizar uma reversão dessa ordem, ainda que temporárias e inconstantes.

A noção de agência auxilia na compreensão deste fenômeno porque contempla a oscilação entre um sujeito agente e um objeto passivo, de modo que a ação protagonista ocorre nos espaços onde se pode agir que não são todos.

A circulação da dominação e subserviência permite o empoderamento das prostitutas. O que lhes permite, ainda, um empoderamento enquanto ser feminino dado que o feminino e o masculino são posições instanciadas em cada interação social que se transvestem de significantes acessíveis aos sentidos, mas que não se reduz nem se fixam a estes (SEGATO, 1998).

As relações de gênero, por isso que foi dito, mostram-se passíveis de múltiplas construções e múltiplos significados, ainda que nós, os seres implicados em sua construção, estejamos bastante tendenciosos a reproduzir relações tais quais as prescritas nos conceitos do poder do macho (para usar um termo de Saffiotti).



Retomando Foucault, o autor chama a atenção para os conjuntos estratégicos que a partir do século XVIII, embasados no saber sobre o sexo, atingiram eficácia na ordem de poder. O saber relacionado ao sexo é um elemento de empoderamento das mulheres que fazem programas. “Para as prostitutas o fato de estes homens as procurarem e de elas decidirem o que aconteceria na negociação e na prática do programa parecia ‘empoderá-las’. É como se as prostitutas usassem o desejo dos homens para comandarem a relação” (PASINI, 2005, p.4).

Outro fator que demonstra a prostituta no *comando* da relação é o decidir por fazer ou não programa, bem como escolher o cliente. Durante uma entrevista, um cliente abordou Ana, que recusou o programa sistematicamente. Sugeri que terminássemos a entrevista em outra ocasião para que ela fizesse o programa, ela não quis e completou: “esse aí não, ele insiste toda hora mas eu só vou se preciso muito, é muito ruim de ficar com ele”.

Há comando da mulher na relação prostituta X cliente em termos de saber sobre sexo, de decidir se fará programa ou não e, sobretudo em termos de processo de trabalho. Há demonstrações de que as mulheres também tomam suas decisões neste campo onde não há, exatamente, a figura do proxeneta e elas organizam seus horários e forma de trabalho.

Contudo, cabe relativização desse dito comando através da análise do conteúdo da mesma fala que serviu para exemplificar a posição dominante da mulher. Quando Ana diz que faz programa com o cliente do qual não gosta se estiver precisando muito, ela traz, mais uma vez, o caráter do dinheiro como fundante deste tipo de relação. Dinheiro também é poder. Ter posse do dinheiro significa ter outras posses, por conseguinte. Estar com o poder da decisão de outro nas mãos é o que ocorre quando o cliente tem o dinheiro do qual a prostituta necessita. Muitas vezes ela não quer fazer, mas fará o programa.

Mas será que um cliente com dinheiro pode comprar tudo de uma prostituta necessitada de dinheiro? O que está à venda?

Num trabalho onde estão fortemente implicados sexo, afetividade, fantasias sexuais, em muitos casos o *produto* vendido pode ser minimizado ou maximizado conforme a vontade daquela que o vende.

Se, eventualmente, “o cara é tão legal, é um bom cliente, ainda por cima é gostoso”, como conta Lucimar em relação a um cliente, elas podem oferecer mais do

que para os clientes que elas classificam como ruins, como “é, tem uns que dá nojo, não é assim, tu vai gostar de todos, tem que aprender a fazer sem gostar também”.

O cliente que não lhes agrada não vai conseguir comprar tudo o que o outro que agrada consegue, mesmo que pague. O dinheiro vai comprar um tempo de prazer sexual, de companhia para beber, de companhia para conversar, mas há um elemento mais abstrado, a afetividade, e esta não se compra.

“A gente se submete, faz mesmo, é pelo dinheiro, mas eu nunca vou gostar desse alemão, pode vim com a grana que for”, diz Lucimar sobre um cliente com o qual ela faz programas. O que será incluído no programa talvez seja o que ele esteja buscando, por outro lado, se ele estiver à procura de reciprocidade, possivelmente não obterá, pois Lucimar não está ofertando. E não está ofertando a ele porque para outros ela o faz. Como o cliente não é objeto de discussão aqui, a não ser para fins de pensar suas relações com as prostitutas, o que interessa sobre essas questões é o fato de que elas ofertarão o que lhes convir, o que lhes parecer justo ou possível.

Franciele diz que não pratica sexo anal em ocasião alguma, Norma admite que beija na boca de clientes que a seduzem. As regras não estão alocadas nas restrições das práticas em si, mas no envolvimento que vai se estabelecer com o cliente.

É estabelecido pelas prostitutas um sistema de hierarquização das práticas sexuais que está diretamente relacionado com o interesse delas nessas práticas e no cliente com o qual vai executá-las. Isto pode ser ilustrado pelo conteúdo das histórias como a de Franciele que diz que não pratica sexo anal com clientes sob nenhuma hipótese e que esta prática só é feita com o parceiro. Porém, Franciele já teve namorados que conheceu na condição de clientes e estes, certamente, foram homens que ascenderam sua condição com ela para o status de um homem que tem mais a receber na relação de troca estabelecida.

O envolvimento entre as partes no programa está intrinsecamente vinculado ao tipo ou ao grau de trocas. A gestão sobre esse grau de trocas delinea a autonomia da mulher sobre seu trabalho, ou seja, sobre a realização dos programas. Paralelamente, a mulher governa, em certa medida, o seu corpo e a sua condição de ser feminino, dado que tratamos de mulheres procuradas por homens para fazer programas.

As prostitutas elaboram um agenciamento gendrado sobre a sua atividade, dado que entender as relações de gênero como fundadas em categorizações presentes em toda a ordem social permite compreender a posição das mulheres e também a relação entre sexualidade e poder (ANJOS, 2000).

As próprias condições que colocam as mulheres num lugar de subordinação propiciam espaço para que elas superem essas condições. A perspectiva de gênero como a percepção social das diferenças biológicas entre os sexos (SCOTT, 1995) está fundamentada nas oposições binárias atribuindo superioridade ao pólo masculino e seus homólogos. O sistema classificatório polariza masculino/feminino relacionando-o a outras oposições como dominante/dominado, forte/fraco (BOURDIEU, 1999), é arbitrariamente instituído por relações de gênero que endeusam o pólo masculino em detrimento do feminino.

Ainda que a divisão dos sexos esteja na ordem das coisas, no *habitus*, nos corpos (BOURDIEU, 1999), não significa dizer que os sujeitos estão fadados a viver num sistema de divisão masculinista. Está-se vivendo um sistema assim, mas o agenciamento dos sujeitos possibilita reversões eventuais desse quadro.

O trabalho de campo realizado nessa pesquisa leva-me a pensar que na prostituição são visíveis esferas de poder transitórias, cambiantes, alternadas entre homem e mulher. O poder não é estável e também não é simétrico porque não se chega a um ponto de equilíbrio, a maleabilidade das posições de gênero é sempre hierárquica.

A dominação masculina se exerce a partir da percepção na relação, de que homem é o sujeito, e a mulher, o objeto. A inversão dos pólos é conseqüente de comportamento subversivo em relação à sexualidade que é perpassada pelos esquemas de classificação fundados na oposição e hierarquização e masculino/feminino, a partir da oposição entre ativo/passivo, o que estabelece uma ligação entre sexualidade e dominação (BOZON, 1999). As significações mobilizadas pelas mulheres quando ativas em relação às práticas sexuais revertem os esquemas de dominação masculina. Nos momentos em que a mulher está tomando iniciativas ela corresponde ao pólo dominante na relação.

Chamar os homens que passam pela calçada, intimidar-lhes, dar ordens para que comprem bebidas ou ao negar-se a fazer programas com aqueles que não lhes agradam são atitudes que sugerem inversão, ainda que parcial e momentânea, da ordem dos gêneros de dominância masculina.

Se o domínio está em mãos masculinas quanto à posse do dinheiro, está nas femininas quanto à sexualidade pervertida para os valores da sociedade que aloca a passividade para a mulher. Não afirmo isso levando em consideração as práticas sexuais propriamente ditas que, segundo as entrevistadas, em muitos casos são bastante restritivas, mas pela postura ativa por lidar com o sexo como um meio rentável.

De nada adianta a inversão das posições de dominância de gênero no sentido de que isso não virá a mudar o sistema de polarização existente porque significaria, simplesmente, a permuta dos lugares do masculino e do feminino. Por outro lado, é importante a utilização dos espaços que possibilitem essas inversões para que o patriarcado não impere absoluta e indiscutivelmente e para que se permita, não simplesmente à mulher, mas a todos os valores relacionados ao feminino maior visibilidade e influência na sociedade.

As prostitutas nem sempre se ocupam da atividade porque que escolheram para si e também não como forma – consciente - de reivindicar suas posições de gênero. Ainda assim, as performances de gênero dessas mulheres perpassam sua condição de seres ativos e detentores de agência. O contrário também é verdade, mas considero os momentos e os espaços que essas mulheres agem com empoderamento.

E trata-se de um empoderamento do feminino porque este campo se refere às mulheres que colocam a venda práticas ligadas a sua feminilidade, seja qual for a idéia de feminilidade delas.

Se são vítimas, *a priori*, são também subversoras de algo, *a posteriori*. O algo está relacionado à conduta do feminino com características contrapostas as de submissão.

“Eu não tô nem aí com isso porque eu não quero casar, e nem eles querem casar mesmo, porque mulher pra casar não é essa que vem no bar, tá pensando o quê?? E eu já tive marido e o cara sabia do bar, dos meus programas, mas a maioria quer outro tipo de mulher pra casar, se dão mal, né, no fim das contas eles casam lá e vem parar aqui (risadas)” (Roselaine)

Na fala citada, Roselaine revela certo orgulho por deter um saber que as diferencia das mulheres que são “para casar”. O saber não corresponde, necessariamente, ao conhecimento sobre mais práticas sexuais do que as outras mulheres, como diz Roselaine em outra ocasião:

“O que acham que a gente faz aqui? Tu eu não sei se acha isso, mas o povo acha, a sociedade acha que porque é prostituta, se faz de tudo. Não é assim que funciona a coisa porque eu mesmo não faço nada de mais e nem gosto de muita esfregação. Eu batalho, eu ganho meu dinheiro. As mulher que não fazem por dinheiro fazem muito pior que nós e a puta quem é? Sou eu? É, depois eu é que sou a puta...” (Roselaine)

O orgulho de Roselaine não está ligado ao conhecimento sobre o sexo, parece estar muito mais relacionado a um conhecimento sobre si, sobre ser batalhadora, sobre

suas performances enquanto mulher (e não restrito as performances sexuais). O “saber” aqui pensado é o que atribui poder ao sujeito. As prostitutas dizem saber dar o que os clientes não têm em casa, algo que não se trata de sexo, ao menos, não somente de sexo, conforme todas elas reiteram.

O *saber* relatado se refere ao saber ir para a batalha e ter reflexão sobre sua atividade. Essas mulheres tiveram no seu leque de opções a prostituição, é a partir dela que ganham seu sustento e escolhem sobre o uso do seu corpo.

Enquanto Swain (2004) contraria que prostituição seja uma escolha alegando a violência da apropriação material e simbólica do corpo das mulheres, as demonstrações das mulheres, neste caso, expressam que o uso feito do seu corpo durante os programas tem certa regulamentação. Existem regras, limites e, em especial, acordos pré-estabelecidos, dado que a prostituição, embora abarque uma série de outras questões, é um negócio e tem conotação profissional.

Swain fala em mulheres prostituídas, raptadas e “colocadas a disposição”. Considerando que cada caso é um caso (FONSECA, 1998), eu diria que muitas das mulheres não são prostituídas, mas se prostituem e, não são colocadas à disposição, mas se disponibilizam. Viver sob o patriarcado não implica que todo o fenômeno represente a dominação masculina.

A premissa definidora de dominação dos homens sobre as mulheres nas expressões de masculinidade e feminilidade na sociedade ocidental (GIDDENS, 1993) não é estática e nem fechada de forma que não haja brechas para a ocorrência do oposto, isto é, de feminilidade sobreposta à masculinidade. O mais problemático é o alcance do caminho do meio, o câmbio do poder nas relações aponta para a alternância do poder e não o equilíbrio, isto é, uma das partes está no domínio em uma relação. Isto pode não ser um problema se houver chance para a alternância, se houver lugar para o subjugado na relação transgredir, reivindicar.

Construídas na alternância, as relações de gênero na prostituição possuem as características da construção subjetiva, sendo a subjetividade múltipla e instável (GAMBLE, 2000, p. 298). No seio do discurso patriarcal, aparece, paradoxalmente, a agência da mulher. A contradição está estampada num fenômeno social híbrido como a prostituição, com suas posições de gênero calcadas na pluralidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"A história é tão leve quanto a vida do indivíduo, insustentavelmente leve, leve como uma pluma, como uma poeira que voa como uma coisa que vai desaparecer amanhã."*  
(KUNDERA, 1984).

A construção de identidades de gênero na sociedade ocidental segue, minimamente, parâmetros prescritos por forças dominantes de poder. Essas forças dominantes são compreendidas, neste estudo, conforme as teorias foucaultianas e referem-se a um poder horizontal, fomentado por todas as pessoas, na medida em que fazem circular e tornar-se hegemônico num dado momento.

O momento é de patriarcado, um sistema que delinea os posicionamentos de gênero em mulheres subjugadas e passivas e homens dominantes e ativos. O modelo patriarcal respinga seus efeitos em diferentes esferas da vida humana. A da sexualidade, materializada em produções corporais e práticas sociais, é significada pela passividade feminina em contraponto à atividade masculina. Uma polarização definida e reforçada, como já foi dito, não somente pelas partes dominantes, afinal, o dominado também alimenta a relação de poder.

Contudo, os sistemas vigentes deixam espaço para ações que o contraponham, que apontem para outras formas possíveis de fazer. Desse modo, variadas identidades de gênero podem ser construídas, além das inteligíveis no sistema de dominação das mulheres pelos homens. Assim, a despeito dos enquadramentos dos comportamentos de gênero elaborados pelas tecnologias do poder hegemônico, sempre há espaços onde as regras não se impõem. Há lugares e/ou grupos em que vigoram leis contra-hegemônicas.

Com isso tudo que é dito, não quero dizer que nesses lugares - e eu penso aqui nos lugares onde ocorre a prostituição - haja subversão total e absoluta dos modelos de gênero, mas que tais lugares constituem as relações de outro modo.

De fato existem outras formas possíveis de fazer diferente daquilo que os padrões estabelecidos ditam. Para a efetivação de formas possíveis de fazer é exercida a qualidade de agência. Pertencente às teias de relações que compõem o mundo social de cada pessoa (ORTNER, 2007), a propriedade da agência dispõe o ser para a realização de projetos para transformação ou reprodução da vida social.

O mundo social de cada um é construído por si mesmo e as teias se dão nas interfaces de tudo o que contribui para essa construção. Os referenciais das prostitutas para suas elaborações de gênero, meu interesse neste estudo, são composições de diversos aspectos das vidas dessas mulheres. Ter a prostituição como uma alternativa viável para o seu provimento econômico é conseqüente da forma como o gênero lhes é inteligível. O contrário, do mesmo modo, também é verdade, a construção de gênero no universo dessas mulheres contempla a prostituição como atividade inteligível para seu sustento.

Nesse processo descrito, ressalto algumas peculiaridades do universo específico. Santa Maria, um município no interior do Rio Grande do Sul, estado onde só conheço trabalhos que versem sobre a prostituição na capital, demonstrou conter, dentre outros tipos de prostituição, a que ocorre em bares, democrática em relação ao tipo físico das mulheres e suas idades, mas não em relação a sua escolaridade.

Mulheres jovens ou velhas, magras ou gordas, bem maquiadas ou sem nenhum batom no rosto, com roupas decotadas, curtas e transparentes ou com saíotes até o joelho e blusas largas e com gola alta. Todos esses tipos de mulheres eu pude visualizar nesses bares.

Essa variância não pode ser estendida, porém, ao que se refere ao grau de escolaridade das prostitutas que, em todos os casos, se auto-definem mulheres sem estudo, sendo isto um agravante para sua condição econômica desfavorecida. Do mesmo modo, não varia o preço pago pelos programas, que nesse tipo de prostituição é mais baixo do que em casas consideradas mais luxuosas.

Esta forma de prostituição, existente nesses bares, diferencia-se, em diversos aspectos, de outras formas conhecidas da atividade. Em boates, saunas, casas ou apartamentos *privé*, nas ruas, diversas características do desenrolar da atividade se dão de modo diferenciado.

Os encaminhamentos que este trabalho teve, durante sua realização, acentuam a distinção do contexto dos bares de Santa Maria para outros locais de prostituição em outros municípios (estudos citados no decorrer deste). Quando as entrevistadas relatam, por exemplo, que gostam de trabalhar ali pela segurança que o lugar lhes proporciona, ressaltam essa característica como inerente a esta forma de prostituição. Há segurança (dentro dos padrões que elas têm do conceito), diferentemente do que acontece na prostituição de rua, onde elas ficam mais expostas à violência que, conforme seus

relatos, não é corriqueira nos bares. Eles são apontados, o tempo inteiro, como lugares onde também vão para se divertir, além de *ir fazer um dinheiro*.

Se em boates ou nas ruas elas poderiam fazer mais dinheiro do que no bar, ali elas consideram mais divertido de ir. Certamente não é um lugar somente divertido, na medida em que elas também vão porque precisam, pois precisam de dinheiro para sobreviver. Mas não se trata somente de sobreviver, ali também está o viver de cada uma dessas mulheres. E o *viver* consiste em usufruir dos prazeres e dos desprazeres encontrados no percurso. É sobre a presença de ambos que estou me referindo aqui, pois, vivenciar a prostituição carrega ambigüidades como a de vivenciar a reificação de padrões patriarcais de gênero em certas ocasiões e, em outras, vivenciar a insubordinação a esses padrões.

A prostituta, a mãe, a provedora do lar, a trabalhadora, a pecadora, todas são um ser só. Foi nestes seres que pude pensar como se constróem as relações entre feminino e masculino, suas interposições, suas contraposições.

Pode-se dizer que todos os seres carregam essas contradições, porém, disserto sobre um grupo específico para fins de visualizar isso. Além do que, o grupo ao qual me refiro carrega alguns marcadores de desigualdades quando conectados a uma construção de identidade de gênero deteriorada. Uma identidade formulada a partir da sua condição de desviante das regras e normas estipuladas socialmente para o exercício da feminilidade.

As discussões sobre a prostituição nas teorias feministas tiveram, em sua trajetória, momentos de idéias abolicionistas, outros de idéias de liberação da prostituição. A questão é que o tema sempre foi foco de debate para os estudos de gênero por envolver a sexualidade feminina e masculina. Sendo assim, as elaborações que as próprias prostitutas fazem sobre sua identidade de gênero, pode-se dizer, acontecem no interior de um contexto social onde sua sexualidade tem visibilidade. O que justifica minha exploração das teorias de Foucault, para o qual, a vontade de saber sobre sexo impera na sociedade atual, explicando porque as sexualidades são tão presentes nos discursos científicos. Assim, quem detém a sapiência sobre as sexualidades, detém o poder de falar sobre, para fins de haver controle sobre o que se pode ou não fazer e também sobre como comportar-se em termos de gênero.

Na prática, os comportamentos de gênero prescritos pelos detentores do saber e tornados, assim, modelos, não são fixos a ponto de não permitirem fazer diferente. Cabe reforçar que o fazer diferente às vezes significa fazer igual dentre os diferentes, agindo



nas margens igualmente a todos os que estão agindo nas margens. Mas esta é uma questão para ser desenvolvida em trabalho posterior.

A perversão ocorre quando o indivíduo não se adapta às regras de determinado grupo e não as toma como adequadas para si. O indivíduo não adaptado é estigmatizado por meio de diversos mecanismos.

A estigmatização das *sexualidades vagabundas* (RAGO, 1996) é decorrente da postura dos “sabedores” do sexo frente à sucessão de fatos históricos, prevalecendo a importância da limpeza moral e do vigor de condutas condizentes com a moralidade. Mantém-se, a partir desses dispositivos, uma representação da prostituta como um ser desprovido de traços distintivos do gênero feminino (LEITE, 2009). A mulher inserida na prostituição, no imaginário social, comporta-se sexualmente de modo anômalo, possui uma sexualidade exacerbada e não condizente com a identidade sexual feminina, incluindo, por exemplo, a maternidade. Isto está claro nas suas falas, quando elas defendem-se do estigma de mulher que não sabe ser mãe e que não dá atenção à família, sustentando o argumento de que são prostitutas para conseguir sustentar economicamente suas famílias.

Por outro lado, elas demonstram construções de gênero que abarcam caracterizações de uma vida tradicional, provando uma “normalidade” que as faz sentirem-se, quem sabe, merecedoras do respeito alheio.

E, ainda que não se possa negar o esforço em provar sua normalidade, a despeito da identidade deteriorada, transparece a qualidade de agência que há nessas mulheres. Porque se as mulheres que experimentam construções de gênero diversas daquelas que estão padronizadas são consideradas transgressoras (ao que as entrevistadas dessa pesquisa defendem-se realçando seus outros papéis exercidos na vida), então aquelas que transitam entre transgredir e manter a ordem podem ser mais transgressoras.

Fluir entre os mundos, fluir no mundo, construir sua identidade conforme vai acontecendo a vida, é isso o que ocorre com cada ser humano. O exemplo das prostitutas dos bares em Santa Maria serve para fazer alusão às instabilidades e às contradições que permeiam as construções das identidades, sejam de gênero ou de qualquer outro caráter. Gêneros, corpos, sexualidades, são todos elaborados nas práticas cotidianas, constantemente, sem atingir um ponto fixo, sempre em transformação, mas também alinhados com o sistema vigente. Pois o que é *construído socialmente* é tão mutável quanto o que está dado naturalmente, eu diria que nem mais nem menos, movendo-se como as águas de um oceano, e profundos como estas águas.

**APÊNDICE A – Entrevista:**

**Entrevista semi-estruturada para aplicação junto às prostitutas – Pesquisa de Mestrado em Ciências Sociais/UFSM**

**Local: bares da avenida Rio Branco, rua Ernesto Beck, rua Treze de Maio**

**Parte I:**

- 1)Nome:
- 2)Idade:
- 3)Estado civil:
- 4)Tem filhos? Em caso de resposta afirmativa, quantos?
- 5)Endereço/região onde mora?
- 6)Com quem mora?
- 7)Tem parceiro fixo?

**Parte II:**

- 8)Qual sua profissão?
- 9)Tempo que trabalha como prostituta?
- 10)Onde trabalha ou já trabalhou como prostituta?
- 11)Como começou a trabalhar como prostituta?
- 12)O que a estimula a trabalhar como prostituta?
- 13)Conhece a lei que regulamenta a atividade de profissional do sexo? Está interessada na legalização da profissão? (Aqui falo sobre o projeto de lei do Deputado Federal Fernando Gabeira).

**Parte III:**

- 14)Tem muitos clientes/ Fixos ou não? Fale neles:
- 15)Você tem diferentes práticas (sexuais e afetivas) com os clientes e os parceiros?
- 16) Os familiares e amigos sabem que trabalha como prostituta?
- 17) Como você encara seu trabalho como prostituta?
- 18) As pessoas com quem você se relaciona são prostitutas e clientes que você conheceu aqui (no bar)? Ou seus amigos e amigas não tem vínculo com o bar (no qual estivermos no momento)? (Penso nas relações de alteridade que se estabelecem com o “universo” da prostituição, também nas possíveis identidades formadas).
- 19)Se sente alvo de preconceito? Por quê?
- 20)Já passou por alguma situação de violência pela qual você atribua o fato de ser prostituta? Em caso afirmativo, descreva:

**APÊNDICE B – Mapa do território:**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAZERMAN, Charles; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (org). **Gênero, Agência e Escrita**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Trad. por MILLIET, Sérgio.

BERNSTEIN, Elizabeth. O significado da compra: desejo, demanda e comércio do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, nº. 31, p. 315 – 362, jul./dez. 2008.

BÖER, Alexandre (Org). **Construindo a igualdade: a história da prostituição de travestis em Porto Alegre** Porto Alegre: Igualdade, 2003.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Profissionais do Sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da Aids**. Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRITTO, Clóvis Carvalho. A epifânica descoberta do mundo: confluências entre Clarice Lispector e Erving Goffman. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CLARICE EM CENA: 30 ANOS DEPOIS, 2008, Brasília. **Anais do Seminário Internacional Clarice em Cena: 30 anos depois**. Brasília : Petry Gráfica & Editora, 2008. v. 1. p. 73-83.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes.(Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, MG: Ed. Autêntica, 2001. Trad. Por SILVA, Tomaz Tadeu da.

\_\_\_\_\_. **Cuerpos que importan – sobre los limites materiales y discursivos Del “sexo”**. Buenos Aires, Anagrama, 2002.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Ricardo. Representações Sociais da Prostituição na Cidade do Rio de Janeiro. In : SPINK, M. J. (Orgs) **O conhecimento do Cotidiano – As representações Sociais na Perspectiva da psicologia Social**.São Paulo: Ed.Brasiliense, 2004.

CONNELL, Robert W. Políticas de Masculinidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, nº 2, p.185 – 205, jul./dez.1995.

CORREA, Mariza. Fantasias Corporais. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F. e CARRARA, S. (Orgs). **Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Garamond, 2003.

CSORDAS, Thomas. A Corporeidade como um Paradigma para a Antropologia. In: **Corpo/Significa/Cura** . Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.

DIMEN, Muriel. Poder, Sexualidade e Intimidade. In: JAGGAR e BORDO. **Gênero, Corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Rosa dos Tempos, 1997.

DOLORES, Juliano. El trabajo sexual em la mira. Polémicas y estereótipos. **Cadernos Pagu**, Campinas, nº 25, p. 79 – 106, jul/dez 2005.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luiza.(Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Zahar, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 13 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Jorge Zahar, 2000.

FONSECA, Cláudia. A Dupla Carreira da Mulher Prostituta. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 4, nº 1, p. 7 – 34,1996.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Caxambu, nº 10, p. 58 – 78, jan/abr 1999.

FONSECA, A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais. In: PISCITELLI, GREGORI E CARRARA (Org.) **Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Garamond, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro Graal,1988.

\_\_\_\_\_ **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres.** Rio de Janeiro; Graal, 1984.

\_\_\_\_\_ **História da Sexualidade 3: O cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_ **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_ **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 2007.

GAMBLE, Sarah(ed.). **The Routledge Critical Dictionary of feminism and Postfeminism.** New York: Routledge, 2000.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade.** São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_ **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GUARALDO, Olívia. Pensadoras de Peso: O pensamento de Judith Butler e Adriana Cavarero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.15, nº 3, p.667-677, set./dez. 2007.

GUIMARÃES, Kátia. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n.3, dez. 2005.

HEILBORN, Maria Luísa. (Org.) **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

JEFFREYS, Sheila. **Queer theory and violence against women.** [Presented at Vancouver Rape Relief fundraising dinner, 24 September 1999]. Vancouver. 2004..Disponível em: <http://sisyphe.org/spip.php?article1053>. Acesso: 02 de nov. 2009.

JOHNSON, Allan. **The Gender Knot.** Philadelphia: Temple University Press, 1997.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Michel Foucault e Gayle S. Rubin: Resenha sobre a construção social do gênero e da sexualidade nos dois autores e dos diálogos possíveis entre eles. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 7, nº 19, p. 125-135, abr 2008.

LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. México: UNAM, 1993.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2006. Trad. por FUHRMANN, Sônia.

LEITÃO, Eliane Vasconcelos. **A Mulher na língua do Povo**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1981.

LEITE, Gabriela. **Filha Mãe Avó e Puta**. São Paulo: Objetiva, 2009.

LOPES, Concimar da Silva; RABELO, Ionara Vieira Moura; PIMENTA, Rosely Pereira Barbosa. A Bela Adormecida: Estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. *Psicologia e Sociedade*.v. 19, nº 1, p. 69 – 76, abr 2007.

MACHADO, Lia Zanotta. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** Brasília, [s. n.], 2000. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/dan/Serie284empdf.pdf>. Acesso em : 19 de out. 2008.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. IN: OLIVEIRA, R.(org). **Mauss: antropologia**. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1979.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM PROSTITUIÇÃO (NEP). **Saúde, Prevenção, Auto-estima**. Porto Alegre: NEP,2006.

OLIVAR, José Miguel Nieto. O direito humano de ser puta: uma reflexão sobre direitos sexuais no universo da prostituição feminina em Porto Alegre. **Teoria e Sociedade**. Belo Horizonte, v.2, nº 15, p. 108 -137, jul/dez 2007.

ORTNER, Sherry, Poder e Projetos: Reflexões sobre a agência. In: Grossi, Eckert e Fry (Org.) **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Goiânia, GO: Ed. Nova Letra, 2007.

PASINI, Elisiane. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. **Cadernos Pagu**, Campinas, nº14, p. 181-200, dez. 2000.

\_\_\_\_\_ **Corpos em evidência, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo.** Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2000.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PERURENA, Fátima C. **V.O amor fazendo gênero.** Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1999.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no Mercado do Sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 25, p. 7-23, jul./dez. 2005.

PISCITELLI, Adriana. Entre a praia de Iracema e a União européia: turismo sexual internacional e migração feminina. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F. e CARRARA, S. (Orgs). **Sexualidades e saberes: Convenções e Fronteiras.** Rio de Janeiro, Garamond: 2004.

RAGO, Margareth.- Prostituição e Mundo Boêmio em São Paulo (1890 - 1940) In: PARK, R. e BARBOSA, R. M. (orgs). **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro, Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

RAYMOND, Janice. “**Não à legalização da Prostituição – 10 razões para a prostituição não ser legalizada**”, In: <[www.action.web.ca/home/catw/readingroom.shtml](http://www.action.web.ca/home/catw/readingroom.shtml)>, 2003.

RODRIGUES, José Carlos. **O Corpo na História: Revista: Antropologia e Saúde.** Rio de Janeiro, RJ: Ed. Fundação Oswaldo Cruz, 1999.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. **Polícia e Prostituição em Brasília – um estudo de caso.** Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2003.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu, Campinas**, nº 21, p. 1-88, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero e patriarcado.** Inédito, jan/ 2001.



SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e violência**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

\_\_\_\_\_. Posfácio: conceituando gênero; Violência de gênero no Brasil contemporâneo. In: SAFFIOTI, H. & MUNHOZ-VARGAS, M. (Org.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro/Brasília, Rosa dos Tempos/UNICEF, 1994, p. 151-185; 271-283.

\_\_\_\_\_. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCHWARZER, Alice. **Simone de Beauvoir Hoje**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Racco, 1985.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, nº 2, p. 5-22, jul./dez.1990.

SEGATO, Rita Laura. **Os percursos do gênero na Antropologia e para além dela**. Brasília, 1998.

SILVA, Ana Paula da et al. Prostitutas, “traficadas e pânico morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos”. **Cadernos Pagu**, nº 25, p. 153-184, dez. 2005.

SIMMEL, George. **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SWAIN, Tânia Navarro. Banalizar e naturalizar a prostituição : violência social e histórica. **Revista Unimontes Científica /Revista da Universidade Estadual de Montes Claros**, v. 6, nº 2, jul/dez 2004.

TRONTO, Joan. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR e BORDO. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Rosa dos Tempos, 1997

TURNER, Victor. **O Processo Ritual. Estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Pró Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses: MDT /**

**Universidade Federal de Santa Maria.** Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. – 6ª Ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

VANCE, Carole. A Antropologia Redescobre a Sexualidade: um comentário teórico. **PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, nº 1, 1995.

VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: **Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. **Uma questão de direitos da mulher: o combate e a prevenção de violência doméstica**. [S. l.]: [s. n.], [2000?]. Disponível em: <<http://216.239.51.104/search?q=cache:qRBb7Je7CEAJ:www.cech.ufscar.br/laprev/direito>>. Acesso em: 28 jan. 2009.